

**Universidade de São Paulo**

**Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes**

**Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”**

**O CORPO EM INSTITUIÇÕES CULTURAIS: A RELAÇÃO ENTRE O  
PÚBLICO, O ESPAÇO E AS ARTES**

**CAIO CÉSAR GOMES DE SOUSA**

**São Paulo**

**2022**

**Universidade de São Paulo**

**Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes**

**Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”**

**O CORPO EM INSTITUIÇÕES CULTURAIS: A RELAÇÃO ENTRE O  
PÚBLICO, O ESPAÇO E AS ARTES**

**CAIO CÉSAR GOMES DE SOUSA**

Monografia apresentada à Escola de  
Comunicações e Artes da Universidade  
de São Paulo para a obtenção do título  
de especialista em Arte-Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Christina  
de Souza Lima Rizzi

**São Paulo**

**2022**

*“O que pode um corpo sem juízo?  
Quando saber que o corpo abjeto se torna um corpo objeto e vice-versa?  
[...]  
O que pode o seu corpo?”*

Jup do Bairro

## RESUMO

Instituições culturais, tais como museus e centros culturais, foram tradicionalmente construídas como espaços para corpos *educados*; há uma norma de comportamento, um padrão a ser seguido, uma *performance* a ser realizada ao se visitar uma exposição. Como espaços *sacralizados*, por vezes, instituições museológicas se distanciam de grande parcela da população, a qual não se vê representada. A experiência do público geralmente se resume à contemplação das obras e se restringe a uma participação pouco ativa. Um importante meio de construir uma relação mais próxima entre público e instituição museológica se dá por ações educativas, que nem sempre trabalham a relação do corpo com o objeto e com o espaço onde ele está exposto. Nesse sentido, a presente pesquisa propõe-se a investigar: concepções de museologias e suas relações com a educação; a construção do que é o corpo que ocupa esses espaços; como a mediação e arte-educação podem intervir na sensibilização desses corpos-sujeitos; o que o próprio público tem a dizer sobre suas experiências dentro de instituições museológicas.

**Palavras-chave:** Corpo; Arte-Educação; Mediação Cultural; Educação em Museu.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>Por uma Museologia para a Educação .....</b>	<b>7</b>
<b>O Corpo (do Público) – o Público é Corpo .....</b>	<b>10</b>
<b>A Sensibilização do Corpo pela Arte-Educação .....</b>	<b>15</b>
O Corpo em Performance.....	15
Corpo e Paisagem.....	17
<b>A Experiência do Público .....</b>	<b>19</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>25</b>
<b>Referências .....</b>	<b>27</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>28</b>

## Introdução

Instituições culturais, tais como museus e centros culturais, foram tradicionalmente construídas como espaços para corpos *educados*; há uma norma de comportamento, um padrão a ser seguido, uma *performance* a ser realizada ao se visitar uma exposição. Como espaços *sacralizados*, por vezes, instituições museológicas se distanciam de grande parcela da população, a qual não se vê representada. Por consequência, pouco se estabelece um senso de pertencimento em relação a esses espaços e ao patrimônio artístico-cultural neles presentes. A experiência do público geralmente se resume à contemplação das obras e a alguma contextualização por meio de legendas expandidas e textos de parede, salvo quando se trata de instalações ou obras de arte relacional, as quais demandam uma participação mais ativa do público.

Um importante meio de construir uma relação mais próxima entre público e instituição museológica se dá por ações educativas, sejam elas propostas de mediação, oficinas, palestras, cursos etc. Excetuando-se as oficinas, que implicam o fazer artístico ou práticas de ordem mais ativa, as demais ações educativas pouco trabalham a relação do corpo com o objeto e com o espaço onde ele está exposto. Nesse sentido, a presente pesquisa propõe-se a investigar: concepções de museologias e suas relações com a educação; a construção do que seria o corpo que ocupa esses espaços; como a mediação e arte-educação podem intervir na sensibilização desses corpos-sujeitos; o que o próprio público tem a dizer sobre suas experiências dentro de instituições museológicas.

Ao trabalhar como educador e mediador cultural em instituições culturais, pude observar de perto como diversos grupos e indivíduos se comportam, se colocam e interagem com esses espaços e com o patrimônio artístico-cultural neles presente. Como mediador de visitas educativas, sempre busquei desenvolver o senso de pertencimento do público com o espaço visitado, enfatizando a natureza pública dessas instituições e sua importância para a sociedade, incentivando que os indivíduos ali presentes retornassem de forma autônoma quando tivessem oportunidade para usufruir do espaço. Acredito que desenvolver esse senso de pertencimento seja vital na construção da relação do

público com instituições culturais. Quando isso ocorre, há maior mobilização para manutenção dessas instituições pelo poder público, uma vez que a população está consciente sobre o seu direito de usufruir os bens culturais e de que tais instituições pertencem a todos nós.

Na grande maioria das vezes, esses grupos estavam em visita ao espaço pela primeira vez, e, como é de se esperar, há um certo acanhamento em estar em um local desconhecido. Isso pode ser facilmente observado na relação desses corpos com o espaço, bem como a modificação dessa relação ao longo de uma visita educativa; quanto mais íntimos e pertencentes ao espaço, mais os corpos sentem-se à vontade para habitá-lo. Ao longo do curso de especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”, pude ter um contato maior com as artes do corpo e comecei a questionar como esses conhecimentos poderiam agregar na minha prática de trabalho. A partir disso, comecei a dar mais atenção e refletir sobre a relação dos corpos com o espaço e sobre formas de estabelecer novas relações entre ambos. Meu questionamento é como é possível, dentro de uma instituição cultural, em que as relações de corpo e espaço costumam ser tão engessadas, trabalhar o corpo do público a fim de desenvolver uma experiência significativa que dialogue com o espaço.

## **Por uma Museologia para a Educação**

O entendimento mais comumente difundido sobre o que é um museu entre profissionais da área remete à definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM), vigente desde 2007<sup>1</sup>:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e

---

<sup>1</sup> Em 24 de agosto de 2022 foi aprovada pelo ICOM, em Praga, capital de República Tcheca a nova definição para museu: “um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/?p=2756>> Acesso em: 21/09/2022.

imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (Desvallées; Mairesse, 2014, p.64).

Nessa definição, podemos observar que há um entendimento de museu também como um espaço de educação. Na verdade, desde a definição anterior do ICOM, de 1974, o trecho “com fins de estudo, educação e deleite” já estava presente. Entretanto, o setor educativo de museus ainda costuma ser tratado, muitas vezes, como algo “a mais”, mas não essencial ao pleno funcionamento da instituição. Tal fato pode nos dizer muito sobre a visão que se tem construído socialmente a respeito do que é o museu, para além das definições de conselhos internacionais, e, a seguir, tentaremos resumir alguns desses possíveis pontos de vista, discutidos por Carla Padró Puig (2009). Ressalto aqui que o nosso interesse neste trabalho não se restringe a museus, mas se expande igualmente a centros culturais, os quais podem ser entendidos como instituições museológicas, pois, mesmo não possuindo obrigatoriamente um acervo, são importantes equipamentos de produção e difusão artístico-cultural que abrigam exposições.

Uma visão clássica do modo de se pensar museologia é o entendimento do museu como *um espaço reverencial*. Nessa concepção, o museu é visto como uma catedral ou templo, e despreza aqueles visitantes que não são *conhecedores*, isto é, “o objeto fala por si mesmo e o sujeito tem que ser capaz de perceber suas intenções” (Puig, 2009, p. 58). Para Puig, aqui se faz uma museologia “afirmativa e autoritária”, e, inevitavelmente nos lembra que “os museus são produtos da classe dominante e representam as aceitações e definições desta, da mesma maneira que fazem a maioria dos complexos institucionais das sociedades de grande escala” (Ames, 1992 apud Puig, 2009, p.53). Nas palavras de Puig (2009, p. 58),

Foram os museus que quiseram ser arquivos, palácios ou salas de estar para certas classes sociais; foram vozes autoritárias que quiseram que os visitantes adotassem os marcos institucionais sem nenhum tipo de resistência ou desacordo.

Sob essa concepção de museu, os educadores, quando existem, devem repetir a mensagem das vozes autoritárias dos curadores, que são aqueles que teriam o real domínio da interpretação (Ibidem, p. 59). Nos programas



educativos, por sua vez, adotam-se “processos de ordenação do conhecimento que correspondem às estruturas do pensamento vindas da conservação: identificação, descrição, explicação e demonstração” e a “promoção do objeto como tesouro” (Ibidem). Desse modo, fica evidente a configuração de um espaço *sacralizado* que resguarda *tesouros*, segrega públicos e propaga discursos e ideais de classes dominantes sobre aquilo que seria Arte e cultura, digno de ser preservado, estudado e difundido.

Com a virada cultural causada pelo capitalismo multinacional, surgem discursos de *democratização da cultura*, que no geral resumem-se em melhorar o acesso à tradicional alta cultura (Ibidem, p. 60). Sob a ótica neoliberal, os museus tornam-se empresas, e seus visitantes “clientes, usuários ou consumidores” (Ibidem). O olhar reverencial aqui permanece e transforma-se em estratégia para a criação de produtos culturais, ao passo que “produz uma categoria de arte vinculada à aquisição de capital cultural ou como forma de fator social” (Ibidem, p. 61).

Os museus serão, ao mesmo tempo, espaços de contemplação, centros comerciais, centros de lazer e espaços de instrução e vigilância. Serão inscritos como um artefato a mais da cultura de massa, o que, para um setor transtorna sua função e suas formas e, para outros, é uma oportunidade de influenciar a economia de serviços. Logicamente, aqui se enfatiza o mercado da arte, as megaexposições, os programas educativos de impacto que pretendem abrir o museu a novos públicos, o público quantitativo, os serviços periféricos, o *marketing* ou a gestão como fundamentais na promoção dos museus. (Ibidem, p. 60)

No museu das democracias liberais, a concepção de educação não tem variado muito, pois continua sendo a de transmissora de um conhecimento maior. Ao mesmo tempo, a educação passa a ser utilizada como ferramenta de medição de índices de audiência, e os educadores “são considerados os portadores de público” que numa “mescla entre educar e entreter”, reafirmam a “condição de espetáculo” dessa nova cultura do museu (Ibidem, p. 62).

Puig propõe outra forma de pensar museus, a partir de *estruturas descentralizadas* e da consideração de *culturas compartilhadas*, na perspectiva de “uma museologia preocupada com a crítica da representação de outras

vozes” (2009, p. 66). Nessa visão de museu, o museu não é somente a instituição em si, mas é composto por instituição, sua equipe de funcionários e pelos seus visitantes (Baxandall, 1992 apud Puig, 2009, p. 67). Com base em uma estrutura menos hierarquizada e mais horizontal, torna-se possível, por exemplo, a realização de programas de curadorias educativas e colaborativas com os diferentes públicos da instituição. Uma vez ativos na construção de práticas museológicas, “os visitantes munem-se de instrumentos para se afastarem do estereótipo de museu como espaço reverencial e levam em conta que eles também podem relacionar-se em outros pontos” (Puig, 2009, p. 66).

No museu de estruturas descentralizadas, o papel da educação não se restringe a uma posição menor, seja de mera reprodução de um discurso curatorial ou uma estratégia de produção de audiência, mas sim um importante instrumento para integrar público e instituição por meio de uma relação dialógica. Para Puig (Ibidem, p. 67), tais formas de pensar museologias são essenciais para “repensar a forma pela qual compreendemos os museus e a educação”. Neste trabalho, ao falarmos de práticas de mediação disruptivas, estamos também falando de uma concepção de educação que considera o público como sujeito ativo de um processo. Em especial, de processos que envolvem a percepção, interpretação e produção artística a partir da sensibilização do corpo.

## **O Corpo (do Público) – o Público é Corpo**

De que corpo, afinal, estamos falando aqui? Para além da forma orgânica e material que nos permite ser, estar, experimentar, experienciar e viver no mundo, de maneira única e particular, consideraremos a expressão generalizadora do *corpo ocidental* definida por Patzdorf (2021, p. 15):

*Corpo ocidental*, portanto, é um termo propositalmente impreciso para tentar designar o conjunto imensamente diverso de corpos sujeitados à fase globalizada do capitalismo, isto é, podemos entender por *corpo ocidental* essa corporalidade genérica que, apesar das especificidades (regionais, culturais ou fenotípicas) de cada povo, possui comportamentos, gestos e desejos mais ou menos parecidos, oferecendo, assim, um campo minimamente uniforme de atuação e

expansão do capital neoliberal. Ou seja, embora este corpo derive da cultura dita ocidental, ele já se globalizou por todos os cantos.

O corpo, apesar de particular, é submetido a forças exteriores, tais como o capitalismo e a globalização, que o modelam, tanto externa quanto internamente, a nível de sua subjetividade, produzindo uma ideia de corporalidade genérica. A partir de Paul B. Preciado (2018), Patzdorf (2021, p.5) chama esse programa político de controle, exploração e servidão dos corpos e subjetividades de *somatopolítica neoliberal*.

É assim que a constante captura da vitalidade, da expressividade, da coletividade e da liberdade dos nossos corpos têm nos lançado numa crise generalizada, para que a desorientação, o esgotamento, o disciplinamento e o desencantamento perante a vida mantenham os mecanismos de controle e exploração em pleno funcionamento.

Patzdorf defende que a “história do corpo ocidental é inseparável da história do capitalismo e suas tecnologias” (2021, p.9) e traça um panorama histórico das “diferentes estratégias somatopolíticas para justificar e facilitar a sujeição (voluntária ou involuntária) aos mecanismos de controle e exploração das nossas existências” em cada fase do capitalismo.

No capitalismo agrícola da época dos regimes soberanos das monarquias escravocratas, por exemplo, houve o processo do *desencantamento do corpo*, que consistiu em:

Estratégias filosóficas, religiosas, jurídicas, geográficas e científicas para desconectar o corpo do seu território, aniquilar seus saberes ancestrais, desmembrar as comunidades constituídas e desinvestir simbolicamente qualquer tipo de conexão com a natureza (Patzdorf, 2021, p.10).

Os corpos, uma vez desencantados e expropriados, tornam-se base para o processo de *disciplinamento do corpo* durante o capitalismo industrial, o qual visou “produzir um comportamento padronizado, homogêneo e uniforme, fundamental para o funcionamento regular e repetitivo do novo tipo de produção industrial” (Ibidem).

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (Foucault, 2013, p. 133).

Diferentemente do século XIX, em que os mecanismos de controle do corpo eram mais facilmente observáveis por meio das disciplinas, nos séculos XX e XXI, esses mecanismos se transformam em “uma série de novas tecnologias do corpo (biotecnologia, cirurgia, endocrinologia, engenharia genética etc.) e de representação (fotografia, cinema, televisão, internet, videogame etc.) que se infiltram e penetram como nunca a vida cotidiana” (Preciado, 2018, p. 84-85). Os mecanismos da somatopolítica neoliberal estão tão difusos nos fluxos informativos das tecnologias digitais de uma sociedade cada vez mais informada, conectada e urbanizada, que “o corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles” (Ibidem, p. 86).

Para Patzdorf (2021, p.12), ao tentarmos realizar um desejo, essa manifestação aparentemente intrínseca, genuína, pessoal e intransferível, “no fundo, estamos cumprindo uma coreografia previamente definida e introjetada a ponto de parecer-nos autêntica”.

O trunfo da somatopolítica neoliberal se dá nessa *in-corporação* do poder, *fazendo coincidir o desejar com o consumir*. Não precisamos mais obedecer ao padre, ao general, ao pai, ao cientista, ao professor ou ao médico para produzirmos e consumirmos. Basta que obedeçamos ao próprio desejo para que automaticamente façamos o capital circular. No século XXI, em que as mercadorias são nossos

corpos e afetos, saciar irrefletidamente nossos desejos significa efetuar o biocapitalismo. [...] Com a sensação de autoria e posse sobre esse desejo aparentemente individual, sentimo-nos mais livres ao saciar uma volição interna. Mas é justamente essa sensação de liberdade a principal arapuca do neoliberalismo: almejando exercer a própria liberdade, tropeçamos numa autoexploração que não necessita de nenhum algoz, patrão ou policial mandando e desmandando para que a produtividade e o consumo se multipliquem infinitamente (Ibidem p. 12 - 13).

Na sociedade contemporânea digitalizada, “qualquer gesto que se faça mediado por alguma tela está sujeito a ser convertido em trabalho; afinal, clicar é produzir-consumir” (Ibidem, p. 14), desse modo, até os momentos de descontração, lazer ou diversão tornam-se capitalizáveis. Considerarmos essa realidade é de extrema relevância, uma vez que o Brasil sempre desponta nos *rankings* internacionais como um dos países com mais usuários ativos em redes sociais.

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (Han, 2015, p. 13).

Na sociedade do desempenho descrita por Han, diferentemente da sociedade disciplinar de Foucault, repleta de negatividade (dominada pelo não), a sociedade do século XXI está pautada na positividade do poder, uma vez que “o sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (Ibidem, p. 16). Esse sujeito, entretanto, continua disciplinado, pois o poder não cancela o dever. Han resume: enquanto a negatividade da sociedade disciplinar gera loucos e delinquentes, a sociedade do desempenho produz depressivos e fracassados (Ibidem, p. 15).

Na sociedade do desempenho e da produção, em que até mesmo o gesto mediado por dispositivos digitais é capaz de transformar entretenimento em trabalho, “o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (Ibidem, p. 18). Para Han, essa autoexploração é mais eficiente que uma exploração do outro, porque “caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos” (Ibidem). Para Patzdorf (2021, p. 15), “é dessa constante autoexploração que emerge a sensação generalizada de *esgotamento*”.

Nossos corpos individuais estão soterrados por diferentes discursos, práticas e instituições que, há pelo menos cinco séculos, trabalham com afinho para nos manterem esgotados, disciplinados e desencantados. (Ibidem, p. 16)

O *corpo ocidental*, esse grande conjunto de corpos diversos submetidos ao capitalismo globalizado, está constantemente sujeitado às estratégias da somatopolítica neoliberal que disponibiliza “modelos de subjetividade e corporalidade pré-fabricados perfeitamente adaptados à sociedade do consumo, moldando preventivamente grande parte dos nossos modos, individuais e coletivos, de pensar, sentir e agir” (Ibidem, p. 15).

Ao conjunto das forças acionadas pela somatopolítica neoliberal que mantém o estado de servidão dos corpos, Patzdorf (Ibidem, p. 18) dá o nome de *crise da sensibilidade*. Dentre essas forças, destacam-se o *sedentarismo compulsório*, *supremacia da extroversão* e a *privação sensorial*. Sobre a privação sensorial, Patzdorf (Ibidem) escreve:

A cultura globalizada privilegia os sentidos de distância (visão e audição) enquanto interdita os sentidos de proximidade (paladar, olfato e, sobretudo, tato). Se os sentidos nos informam o que se passa no “exterior”, em contrapartida, os sentidos também nos informam o que se passa no “interior”. Carentes de experiências de toque que provoquem a propriocepção, nossos corpos desconhecem a própria intimidade. Assim, experienciamos um *re-conhecer-se* no mundo a partir daquilo que apenas podemos ver e mostrar: as imagens.

Ao considerarmos o contexto de pandemia causada pelo Covid-19, nossos corpos em maior ou menor escala foram submetidos a um longo período de privação de experiências sensoriais de proximidade, tornados ainda mais carentes principalmente da comunicação transmitida pelo toque, “o mais poderoso meio de criar relacionamentos humanos, como fundamento da experiência” (Montagu, 1988, p. 19, apud Patzdorf, 2021, p.19).

## **A Sensibilização do Corpo pela Arte-Educação**

Uma possibilidade de intervir sobre a chamada *crise da sensibilidade* que acomete o *corpo ocidental* são as práticas em Arte-Educação, ferramenta capaz de “abrir novas percepções sensoriais e conceituais acerca da própria existência, individual e coletiva, para além daquelas já cristalizadas” (Patzdorf, 2020, p. 22). A seguir, relataremos algumas práticas em Arte-Educação voltadas à educação da sensibilidade, que propõem a construção de novas formas de ser, existir e criar com o corpo, realizadas dentro de instituições culturais.

### **O Corpo em *Performace***

*Corpo em performance* consistiu em um percurso de mediação cultural realizado no Museu de Arte de Blumenau (MAB) durante o ano de 2018, tendo como público-alvo docentes de artes da região (Peruzzo; Carvalho, 2020). Essa investigação fez parte da dissertação de mestrado de Leomar Peruzzo defendida em 2018 na Universidade Regional de Blumenau, com a proposta de subverter os “modos tradicionais de estabelecer a mediação cultural em espaço museal” (Ibidem, p. 34).

O ponto de partida para o percurso foi o Material Educativo Elke Hering e a obra da mesma artista. Esse encontro envolveu uma obra de arte previamente selecionada por meio de uma ação específica definida como curadoria educativa (Ibidem p. 37).

A obra selecionada foi *Memória Arqueológica* (1990), uma escultura feita em relevo com gesso e areia, de dimensões 220 cm x 130 cm. A obra “sugere o registro performático no gesso remetendo à ação humana na materialidade do mundo” (Ibidem, p. 40) e “nos provoca a pensar o corpo como tema e suporte gerador de formas perceptíveis na tentativa de configurar um simulacro fóssil da existência humana” (Ibidem).

**Figuras 1, 2 e 3** – Fragmentos da obra *Memória Arqueológica*



**Fonte:** Material Educativo Elke Hering in Peruzzo e Carvalho, 2020, p. 40

Em resumo, os oito professores participantes, após conhecerem o Material Educativo, a vida e obra da Artista Elke Hering e apreciarem a obra *Memória Arqueológica*, foram provocados a escrever uma carta para o próprio corpo. Divididos em dois grupos com quatro pessoas cada, foram convidados a socializar suas cartas e as transformarem em uma *performance* em grupo.

A proposta de criação artística baseada nos princípios da *performance art* transformou as cartas que os docentes escreveram, direcionadas ao seu corpo, em ações físicas editadas e postas em apreciação. O percurso de escrever para seu próprio corpo funcionou como disparador para que os docentes estabelecessem contato com suas dimensões corporais e buscassem intensificar o olhar para si. Em momento de socialização das cartas, em grupo, a dimensão



colaborativa permitiu lançar olhar para o outro e seus modos de direcionar-se ao corpo (Ibidem p. 42).

**Figura 4** – Percurso de mediação com a obra *Memória Arqueológica*



**Fonte:** Peruzzo e Carvalho, 2020, p. 40

Com o percurso de mediação, pôde-se perceber que os atravessamentos propostos pela escrita das cartas e realização das *performances* provocaram desestabilização dos corpos, tornando-os “território para a mobilização da percepção, e o estabelecimento de relações com a arte, com o outro e com o mundo” (Ibidem, p. 49).

### **Corpo e Paisagem**

*Corpo e Paisagem* foi uma proposta de mediação cultural selecionada pelo edital de *Projetos de Mediação em Arte e Cidadania Cultural* no ano de 2019 no Centro Cultural São Paulo (CCSP). O projeto, coordenado pela bailarina e performer Laila Padovan aconteceu no período de maio a dezembro daquele ano e teve como objetivo propor a investigação e experimentação de práticas performativas que visavam à extrapolação das relações cotidianas entre corpo e paisagem e à busca por novos modos de apropriação do tempo e do espaço.

**Figura 5** – Um dos encontros de experimentação do projeto



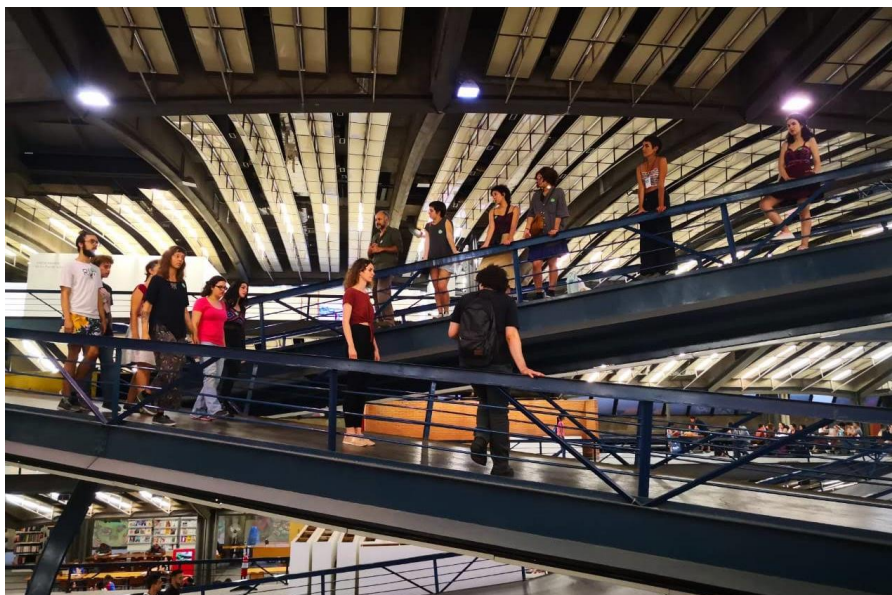
**Fonte:** Acervo pessoal, 2019

É válido ressaltar que o CCSP, localizado próximo à região central da capital paulista é um equipamento público de cultura que proporciona ricas possibilidades de fruição e ocupação pelos frequentadores, e que, além de áreas expositivas, abriga bibliotecas, jardins, horta, áreas de convivência entre outros espaços. Sua própria arquitetura, projetada por Eurico Prado Lopes e Luiz Telles, propicia o encontro e formas distintas de ocupar com o corpo. Sobre as expressividades a partir do corpo, o mais comum de se observar no CCSP são grupos de dança que ocupam seus espaços de forma autônoma e espontânea para praticar diversos ritmos, de *break dance* e *k-pop* ao forró e samba.

O projeto foi realizado num formato semelhante ao de oficinas de média duração e dividido em quatro eixos temáticos: 1) *Subjetividade e Intimidade*, 2) *Sensorialidade*, 3) *Temporalidades* e 4) *Encontro, Coletividade e Celebração*. Cada grupo, com uma média de 15 participantes, encontrava-se semanalmente no CCSP para, sob orientação de Padovan, realizar investigações sobre o tema. Durante seis encontros semanais, cada grupo realizou experimentações pelos espaços do CCSP e, por meio de um processo de criação colaborativo, criou uma proposta de intervenção de caráter participativo e aberta ao público geral ao final de cada ciclo temático. Desse modo, a proposta *Corpo e Paisagem*

contemplou não somente o público que participou dos encontros, como também o público que pôde assistir, participar e interagir com as intervenções finais.

**Figura 6** – Realização de uma das propostas de intervenção



**Fonte:** Aline Bueno Gonçalves, 2019

*Corpo e Paisagem*, apesar de não obrigatoriamente dialogar de forma direta com as obras de arte em exposição no CCSP, ainda assim nos interessa aqui por promover uma experiência disruptiva na relação do corpo com o espaço dentro de uma instituição cultural, e por considerarmos que “o espaço museal configura-se um importante lugar para a relação de fruição e de mediação cultural” (Peruzzo; Carvalho, 2020, p. 47), o qual “mobiliza as dimensões do corpo por elementos específicos, como espacialidade e materialidade” (Ibidem). A partir de uma proposta de experimentação e criação, o público participante estabeleceu novas dinâmicas e significados para a relação corpo – espaço.

## **A Experiência do Público**

Para entendermos como o público relaciona-se com museus e centros culturais, elaboramos um questionário na plataforma Google Forms™, que foi divulgado via redes sociais (WhatsApp™, Instagram™) para grupos de pessoas

próximas, boa parte formados por pessoas que atuam nas áreas de Educação, Artes e Cultura. As pessoas que decidiram responder ao questionário o fizeram de forma voluntária e anônima, cientes de que se tratava de uma pesquisa com fins acadêmicos.

O questionário foi dividido em três partes: a primeira, visou coletar informações gerais sobre os participantes da pesquisa, com a finalidade de identificar a diversidade do grupo, como idade, gênero, raça, lugar de residência etc.; a segunda, buscou compreender hábitos e experiências mais gerais do público com as instituições culturais, como a frequência de visita a esses espaços, participação em atividades realizadas em museus, entre outros; a terceira, buscou entender e ao mesmo tempo ouvir e fazer o público pensar sobre a relação de seus próprios corpos com os espaços culturais.

Ao todo, 40 pessoas voluntárias responderam ao questionário *online*, gerando uma quantidade razoável de dados para análise. Não temos aqui o intuito de analisar minuciosamente todo esse material, porém, todas as perguntas e respostas encontram-se no anexo, a partir da página 28.

A primeira parte da pesquisa revelou que, conforme esperado, a grande maioria dos participantes reside no estado de São Paulo (34 pessoas, 85%), sendo 25 (62,5% do total) deles moradores da capital. Os outros estados que apareceram na pesquisa foram Bahia (1 pessoa, 2,5%), Ceará (2 pessoas, 5%), Rio de Janeiro (1 pessoa, 2,5%) e Santa Catarina (2 pessoas, 5%). A grande maioria dessas pessoas (39; 97,5%) disse morar em áreas majoritariamente urbanas, e apenas uma em área rural (2,5%). Quanto à idade, houve uma variação dos 19 aos 60 anos, sendo que a maior parte dos participantes se encontra na faixa dos 24 aos 34 anos (21 pessoas, 52,5%). 30 pessoas autodeclararam-se como brancas (75%), 5 como pretas (12,5%) e 5 pardas (12,5%). 25 pessoas identificam-se como mulheres cisgênero (62,5%), 13 como homens cisgênero (32,5%) e 2 como pessoas não-binárias (5%). Quanto ao grau de escolaridade, houve uma variação entre ensino médio incompleto até pós-graduação completa, sendo que a grande maioria dos participantes possui ao menos a graduação completa (32 pessoas, 80%); quando consideramos também os que ingressaram no ensino superior, mas ainda não o concluíram, chegamos a 90% dos participantes (36 pessoas). Quando perguntadas sobre as

principais ocupações, grande maioria respondeu trabalhar em áreas relacionadas à educação, artes ou cultura (ver gráfico da p. 30). Apenas uma pessoa alegou ser pessoa com deficiência e especificou como perda auditiva.

Podemos notar, com esses dados iniciais, que o recorte populacional dos participantes é específico: majoritariamente moradores de São Paulo, em regiões urbanas, adultos jovens, brancos, cisgêneros, sem deficiência, que tiveram acesso ao ensino superior e se relacionam ou por trabalho ou estudos com a área de educação, artes ou cultura.

A segunda parte da pesquisa (p. 32) teve como objetivos entender quais as experiências dos participantes enquanto público de instituições culturais, bem como fatores que motivam ou desestimulam sua visita a esses espaços. De início, perguntamos com que frequência essas visitas são feitas (pedindo para que fosse desconsiderado o período em que as instituições culturais ficaram fechadas ao público por conta da pandemia de Covid-19) e a maioria respondeu ir pelo menos uma vez a cada dois ou três meses (29 pessoas; 72,5%); trata-se, portanto, de um grupo que visita instituições museológicas com certa frequência. Entre os fatores que desmotivam o público a visitar esses espaços, os mais frequentes entre as opções presentes no questionário foram os relacionados à falta de tempo, à distância e ao valor cobrado para a entrada nas exposições (ver gráficos p. 33-34). Quando perguntados sobre outros possíveis fatores desmotivadores não listados no questionário, respostas frequentes foram a falta de companhia para visitar exposições, exposições muito cheias principalmente aos finais de semana, falta de opções nas regiões fora dos grandes centros e o cansaço físico gerado pela rotina (p.35-36). Sobre essa mesma pergunta, algumas respostas evidenciaram críticas para além de fatores de ordem mais prática, como por exemplo: “É quase que escassa a presença de pessoas negras nesses espaços, na maioria dos casos as mesmas não estão na posição de visitante e sim à (sic) trabalho” e “os temas explorados se limitam muito em história da cidade de forma limitada e elitista, não tem ações educativas na maior parte das instituições, as exposições não educam e não dialogam com visitantes”.

Quando perguntado sobre a participação em visitas mediadas (p. 37-40), boa parte do público disse já ter participado (27 pessoas, 67,5%). Quando foi

solicitado para detalhar como foram essas experiências, a maioria das pessoas fez relatos positivos. Algumas lembraram de atividades não tradicionais realizadas durante a mediação, como roda de capoeira e uma atividade de bordado que dialogava com a exposição em cartaz. Outras, citaram o fator interatividade, especialmente promovido por meios tecnológicos. Sobre esse assunto, três pessoas citaram especificamente a exposição *Björk Digital*, que na cidade de São Paulo ocorreu no Museu da Imagem e do Som (MIS) em 2019. O detalhe é que essa exposição, majoritariamente composta por peças em realidade virtual, foi concebida para ser toda mediada; os visitantes entravam em grupos divididos por horário, e, em cada espaço expositivo, eram atendidos por um mediador, seguindo um roteiro preestabelecido.

Duas pessoas fizeram críticas negativas em suas experiências em visitas mediadas: “[...] apesar de alguma relevância histórica, era mostrado um contexto de um olhar muito tradicional, machista e colonizado” e “a outra [visita] foi muito chata, só falávamos do que o mediador queria. Mas acredito que não devemos colocar todo peso de ‘uma mediação ruim’ nos ombros dos trabalhadores. Cabe às instituições capacitar este profissional. É um trabalho conjunto”. Em ambos os relatos, percebemos uma crítica a uma forma de pensar a educação em museu como uma ferramenta autoritária ou de reprodução de discursos hegemônicos. No segundo relato destacado, há ainda um entendimento de responsabilidade da instituição diante da forma sobre a qual a educação é praticada. Outro fato que chama atenção nas respostas sobre as experiências em visitas mediadas são os usos das palavras “guia” e “monitor” para se referir aos mediadores das visitas, que mesmo de forma inconsciente, podem demonstrar uma ideia de que o profissional a serviço da instituição e seu público está ali para guiar ou monitorar, mais do que para estabelecer um processo de mediação ou educação. Apenas duas pessoas usaram as palavras “mediador/mediadora” e somente uma utilizou o termo “educadora”.

Sobre a participação em oficinas em museus e centros culturais (p.40-42), a maioria respondeu não ter participado nunca (24 pessoas; 60%). Podemos notar que mesmo para um público formado majoritariamente por pessoas com certos acessos, a experiência de produção artística dentro de instituições culturais não é muito frequente. Sobre os relatos daqueles que puderam

participar de oficinas, as experiências foram sempre positivas. Destaco aqui uma das falas: “ali [na oficina] há uma troca que não pode ocorrer por simplesmente ver a obra, quando você aguça a criação de alguém, nasce algo dali que marca”.

Na pergunta seguinte, em vez de fatores desestimulantes, foram questionados fatores motivadores para a realização de uma visita a instituições culturais e exposições (p. 42-43). Novamente as respostas apontaram a importância dada pelo público às exposições com entrada gratuita ou barata, e à proximidade do local de residência. Dentre as opções presentes no formulário, grande maioria dos participantes também considerou como importante ou muito importante fatores como a acessibilidade, a possibilidade de chegar ao local com a utilização de transporte público, exposições que estimulam outros sentidos além da visão e a possibilidade de conversar sobre a exposição com alguém. Ao serem solicitados outros aspectos motivadores de forma espontânea, foram muito frequentes respostas envolvendo o tema da exposição e os artistas como fatores atrativos.

Na terceira e última parte da pesquisa (p. 46), o público participante foi instigado a refletir sobre suas percepções, sensações, sentimentos e comportamentos em instituições culturais, essenciais para pensar o próprio corpo dentro desses espaços. Ao serem perguntados como se sentem ao visitar um museu ou exposição, as respostas foram as mais diversas. Em geral surgiram sentimentos positivos (e ao mesmo tempo contrastantes), como felicidade e euforia, curiosidade, reflexão, contemplação, calma e tranquilidade. Enquanto alguns percebem espaços diversos e inclusivos: “me sinto confortável na maioria dos espaços, por perceber a diversidade neles, de idades, gênero, sexualidades etc.”; outros têm a percepção exatamente oposta: “[sinto-me] levemente desconfortável pela questão do público que frequenta esses espaços”. Alguns comentários evidenciam o quão presente ainda é a visão tradicional de museu como um espaço reverencial: “às vezes [me sinto] apagado; eventualmente um pouco pego naquela visão meio péssima de que pra estar ali eu deveria saber muito mais, uma síndrome de impostor que esses espaços costumam causar pela forma como frequentar o museu é colocada, naquela romantização, coisa de gente culta etc”. Algumas pessoas compararam as suas próprias experiências contrastantes em diferentes situações: “já houve ocasiões



de eu me sentir feliz por me lembrar fatos vividos. Já me senti ofendida, quando parecia que estava sendo vigiada por seguranças. Quando há muitas regras de comportamento a seguir, como ter que ficar em silêncio, por exemplo, sem poder comentar com alguém, é irritante! Estar num local onde me sinto convidada a ver, vivenciar o que está exposto é muito melhor”. Outras pessoas relatam como diferentes espaços produzem diferentes sentimentos: “dependendo do espaço público/privado me sinto identificada com o território, com as pessoas e com a programação/exposição”.

Quando convidados a pensar sobre seu próprio comportamento em instituições culturais, muitos respondem considerar o seu comportamento como mais quieto e contido ou até mesmo “normal, o padrão de comportamento que a atmosfera daquele ambiente pede”. É curioso notar que “normal” foi frequente nas respostas, remetendo a uma real norma comportamental para esses espaços. Alguns criticam esses padrões de comportamento que geram o distanciamento: “[...] é quase como se fosse um ambiente que devesse se abster de interação humana; até eu faço isso e acho que, na verdade, prejudica a experiência”. Ao serem perguntados se há uma maneira correta, uma conduta a ser seguida ao se visitar uma exposição, 40% das pessoas (16 indivíduos) responderam que sim. Ao especificarem que conduta seria essa, muito foi citada a palavra “respeito”, e evidenciou-se uma preocupação com a integridade das obras expostas e com a experiência de outros visitantes. Falas como “[...] deve-se cobrar respeito, silêncio e uma postura para ouvir mais do que falar; algo semelhante ao que se espera de uma plateia em um teatro em uma peça dramática” chamam atenção pelo fato de corroborar a ideia de que o público visitante tem o seu lugar restrito ao de uma contemplação passiva, silenciosa, que deve passar despercebida em meio aos *tesouros* resguardados no *templo*.

Mesmo entendendo o museu como um espaço de disciplina (ou talvez justamente por isso), muitos dos participantes mostraram-se a favor de outras formas de ocupar e experienciar os museus: 92,5% das pessoas (37 indivíduos) responderam gostar de exposições interativas; dentre os que nunca participaram de processos de criação com o corpo, 81,3% (26 indivíduos) afirmaram querer experienciar atividades assim; dentre todos os participantes, 92,5% (37 pessoas) acreditam que teriam mais motivação para visitar museus se outras formas de



experienciar arte além da visualidade fossem mais comuns, e 87,2% acreditam que essa motivação seria maior se museus proporcionassem experiências corporais para além das já estabelecidas nesses espaços (34 de 39 que responderam a essa pergunta). Ao serem perguntados sobre quais seriam as possibilidades dessas experiências corporais, muitos falaram de sensorialidade e exploração de diferentes sentidos, e até mesmo de outras linguagens artísticas, como dança, teatro e *performance*.

## Considerações Finais

Ao lembrarmos que “o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis de anatomia e da fisiologia; é em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais” (Le Breton, 2012, p. 29 apud Peruzzo; Carvalho, 2019, p.39), tornamo-nos aptos a identificar as diversas forças estruturais que agem sobre esse corpo, que o moldam, tanto em forma quanto comportamento e até mesmo em suas subjetividades. Entender que a história do *corpo ocidental* se confunde com a história do capitalismo, que há séculos opera sistemas de opressão para tornar esse corpo produtivo, ao mesmo tempo em que o *desencanta*, *disciplina* e o *esgota*, é essencial para que busquemos uma saída que o liberte. Aqui propomos que uma forma de superar a *crise da sensibilidade* causada pelos mecanismos de controle da *somatopolítica neoliberal* são as ações de sensibilização do corpo por meio de práticas em Arte-Educação. Ações essas que exigem do sujeito a reflexão em torno da própria experiência e dos sentidos e significados que elas oferecem (Peruzzo, Carvalho; 2020, p. 46), que criam outras formas de habitar e existir no mundo e de se relacionar com ele.

Ao longo desse trabalho, em especial com a pesquisa realizada com o público, observamos que, de fato, esses corpos encontram-se disciplinados (quando muitos acreditam existir uma norma, no geral contida e reclusa, para se ocupar uma instituição cultural), esgotados (quando se relata o cansaço gerado pela rotina como um fator desmotivador para a realização de visitas a museus) e desencantados (quando nem mesmo em museus, que deveriam preservar a

memória, há uma identificação que gere o sentimento de pertencimento ou considere ancestralidades plurais). Há uma demanda por parte do público para que experiências que quebrem esses padrões de aprisionamento dos corpos sejam oferecidas também em instituições culturais. Com isso, não queremos dizer que as experiências já tradicionalmente estabelecidas e que atendem às expectativas de parte do público devam ser abolidas, mas, sim, que outras mais sejam consideradas e incluídas.

Observamos a urgência da construção e difusão de uma museologia pela educação, de um museu de estruturas descentralizadas e que considere as culturas compartilhadas, um espaço de educação, fruição, crítico e questionador. Que não mais as instituições museológicas deixem-se colocar ou reivindicuem esse lugar de disciplinamento, de espaço reverencial ou corporativo, mas que se organizem e ajam sob outras lógicas, que integrem a comunidade de forma ativa por meio experiências significativas. Experiências essas que, conforme Jorge Larrosa (2002), são capazes de gerar um saber único, que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.

## REFERÊNCIAS

DESVALLÉES, André, & MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Armand Colin; Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comité Nacional Português do ICOM, 2014.

FOUCAULT, Michel. Trad. Raquel Ramallete. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

HAN, Byung-Chul. Trad. Enio Paulo Gianchini. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

LARROSA, Jorge. Trad. João Wanderley Geraldi. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. N. 19, p. 20-28, jan/fev/mar. 2002.

PATZDORF, Danilo. Artista-educa-dor: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. *Urdimento*, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

PERUZZO, Leomar; CARVALHO, Carla. O corpo em performance: mediação cultural no Museu de Arte de Blumenau. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 1, p. 34-52, jan./abr. 2020.

PRECIADO, Paul B. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PUIG, Carla Padró. *Modos de pensar museologias: educação e estudos de museus*. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, p.53-70, 2009.

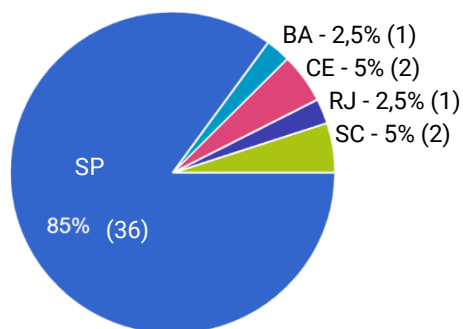
## ANEXO

### Respostas do Formulário

#### Parte 1 - Informações Gerais

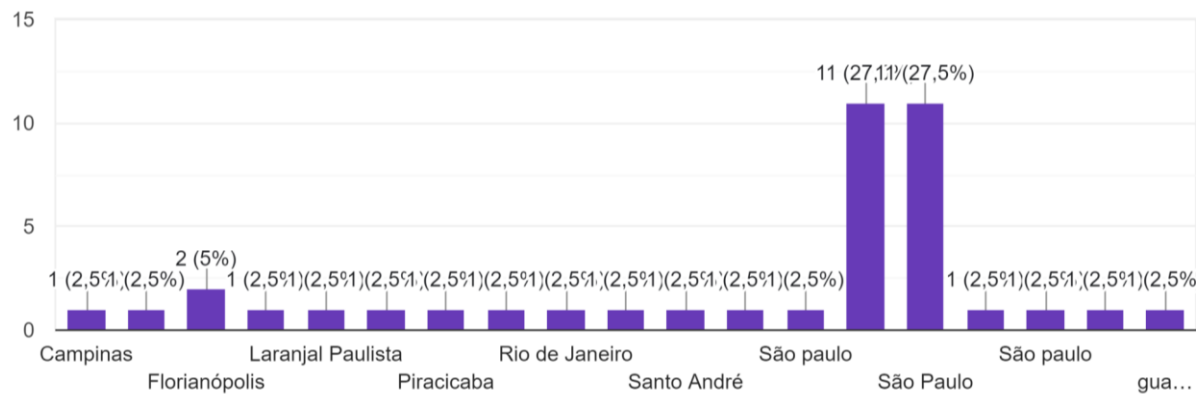
1) Em qual estado brasileiro você reside?

40 respostas



2) Em qual cidade você reside?

40 respostas



Resumo:

São Paulo - SP: 25 (62,5%)

Campinas - SP: 1 (2,5%)

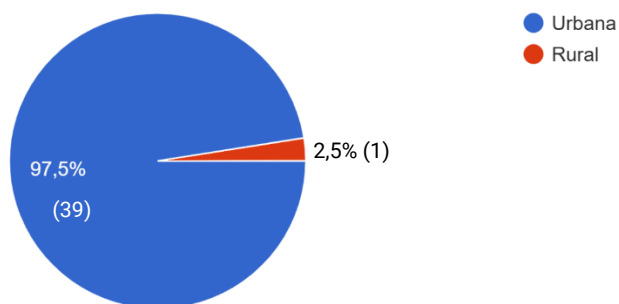
Croatá - CE: 1 (2,5%)

Florianópolis - SC: (5%)

Guarulhos - SP: 2 (5%)

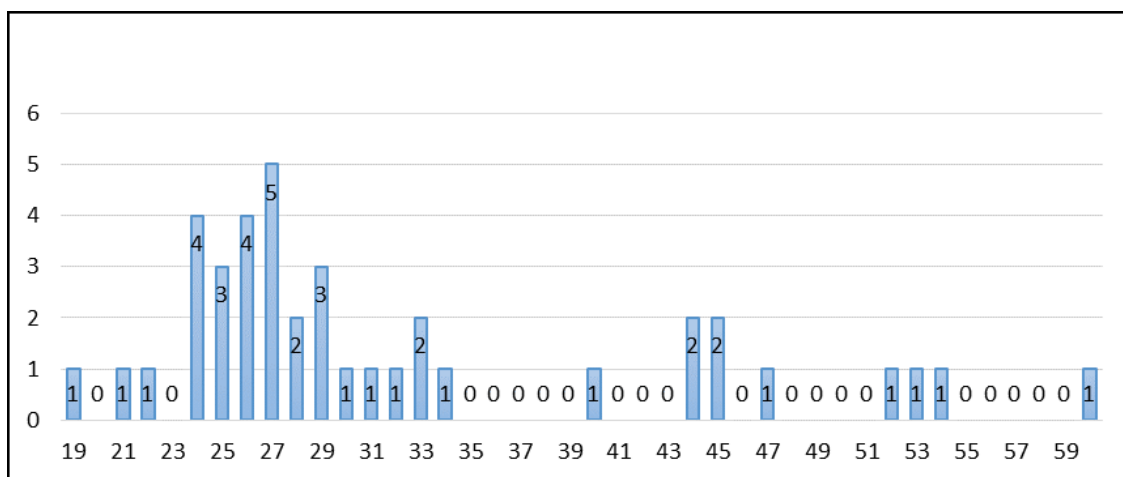
Laranjal Paulista - SP: 1 (2,5%)  
 Peruíbe - SP: 1 (2,5%)  
 Piracicaba - SP: 1 (2,5%)  
 Ribeirão Pires - SP: 1 (2,5%)  
 Rio de Janeiro - RJ: 1 (2,5%)  
 Salvador - BA: 1 (2,5%)  
 Santo André - SP: 1 (2,5%)  
 Sorocaba - SP: 1 (2,5%)  
 Ubajara - CE: 1 (2,5%)

3) A região que você reside é majoritariamente:



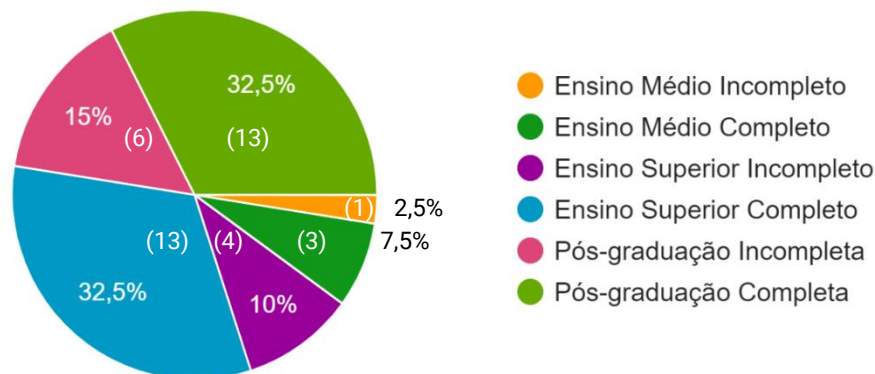
4) Qual sua idade?

40 respostas



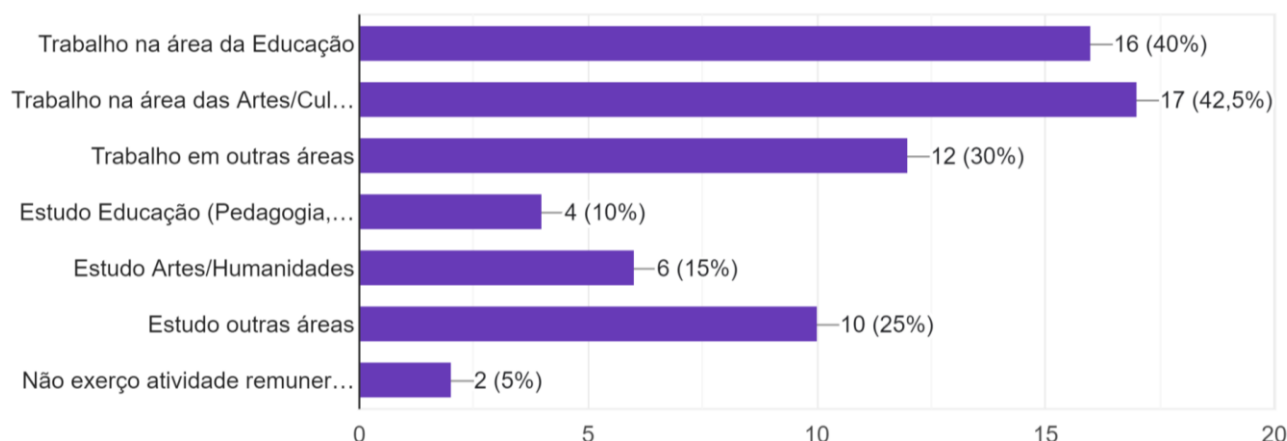
## 5) Qual seu grau de escolaridade?

40 respostas



## 6) Quais suas principais ocupações no momento?

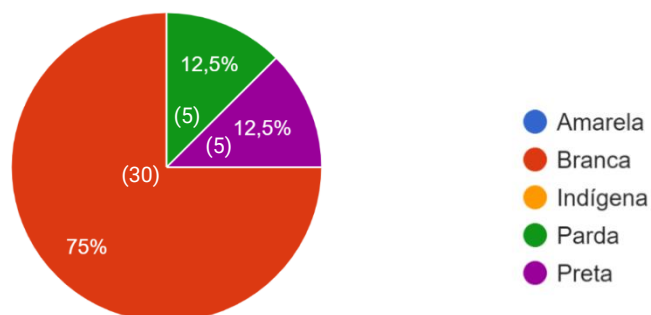
40 respostas



Para responder a essa pergunta, os participantes da pesquisa puderam selecionar até quatro alternativas entre as possibilidades: “Trabalho na área da Educação”, “Trabalho na área das Artes/Cultura”, “Trabalho em outras áreas”, “Estudo Educação (Pedagogia, Licenciaturas e afins)”, “Estudo Humanidades”, “Não exerço atividade remunerada nem estudo no momento”.

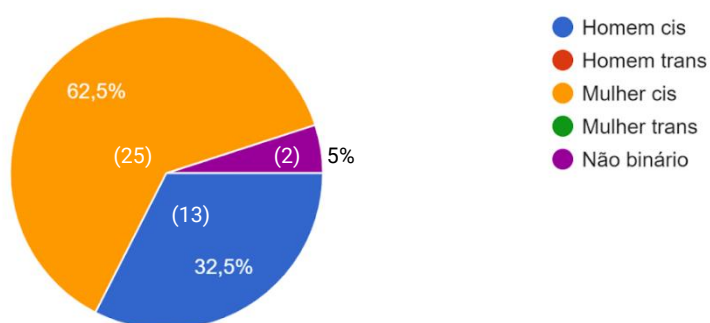
### 7) Você se autodeclara como uma pessoa:

40 respostas



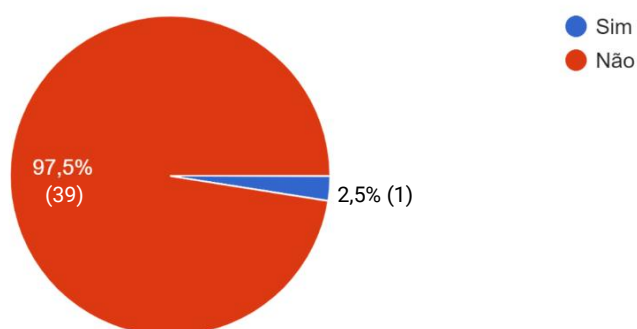
### 8) Com qual gênero você se identifica?

40 respostas



### 9) Possui algum tipo de deficiência?

40 respostas

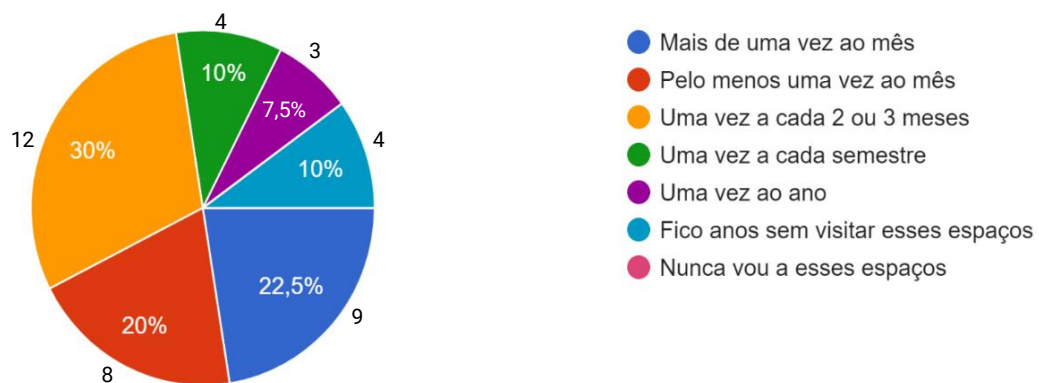


Apenas uma pessoa respondeu “sim” e especificou a deficiência como perda auditiva.

## Parte 2 - Sobre hábitos e experiências em instituições culturais

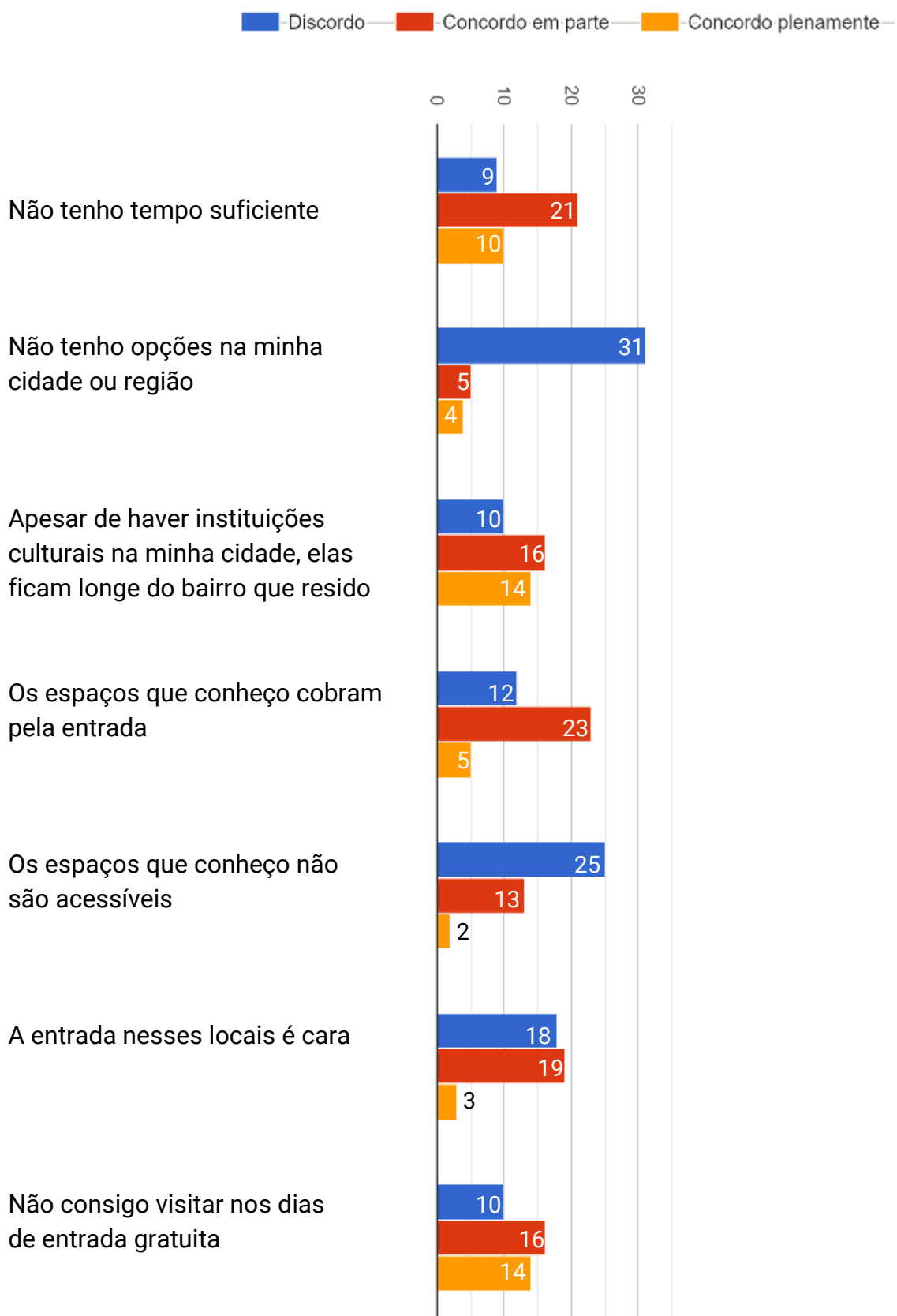
10) Com que frequência você costuma visitar museus, centros culturais, galerias, locais de exposições etc?

40 respostas

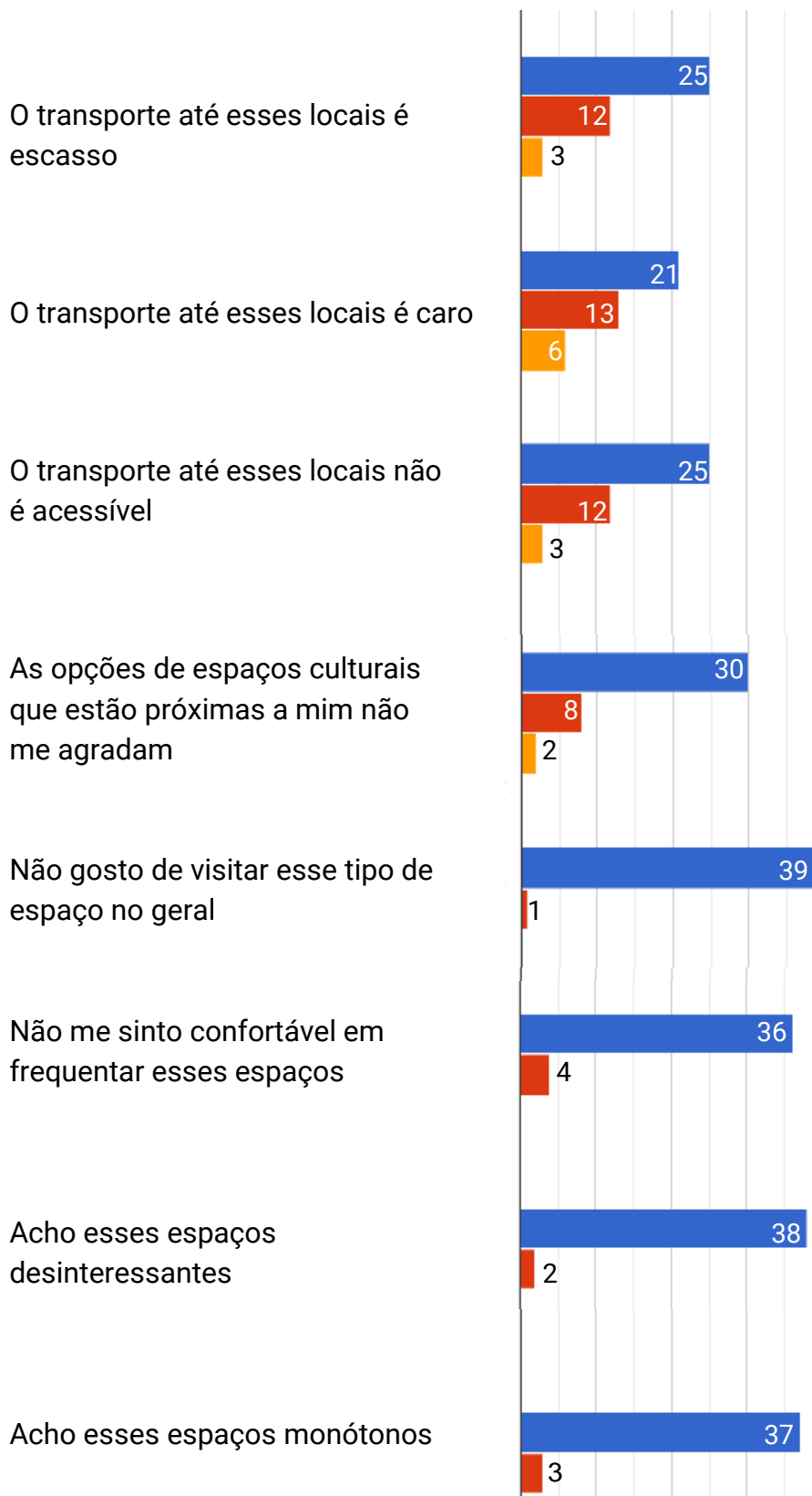




11) O que dificulta, atrapalha ou desmotiva sua ida a museus, centros culturais, galerias etc?



■ Discordo ■ Concordo em parte ■ Concordo plenamente



12) Quais outras razões dificultam, atrapalham ou desmotivam sua ida a museus, centros culturais, galerias etc?

22 respostas

“A escassez de ingressos de grandes exposições”

“Os amigos acabam contribuindo para que eu não vá a esses locais, já que ninguém gosta.”

“É quase que escassa a presença de pessoas negras nesses espaços, na maioria dos casos as mesmas não estão na posição de visitante e sim a trabalho.”

“Principalmente a falta de tempo e companhia”

“Rotina”

“Cansaço físico”

“Ausência de acompanhantes.”

“Falta de tempo.”

“Espaços lotados nos finais de semana.”

“Valor alto em algumas exposições.”

“Nenhuma”

“Talvez a falta de companhia de pessoas com que me sentiria confortável indo e que buscassem a experiência mesmo. Ter mais informações sobre algumas peças também seria interessante.”

“A falta de tempo e o cansaço da semana são as maiores barreiras, em Piracicaba não há dias gratuitos como em São Paulo, e existem poucas galerias, ainda que a cidade seja um polo de cultura. Também estamos em uma luta com a prefeitura por conta da pinacoteca da cidade, por isso estamos sem pinacoteca no momento. A cidade é um tanto conservadora então muitos espaços de cultura seguem essa tendência, principalmente os que têm apoio público. Mas, há uma diversidade de artistas e ateliês pela cidade, há o salão de humor internacional que

acontece todo ano e também há um Sesc bem comprometido com a cultura da cidade.”

“Horário de funcionamento comercial.”

“Por morar em São Paulo a recente volta da pandemia lota muito os locais gratuitos aos fins de semana. E percebi que a maioria dos museus universitários de São Paulo não abre aos fins de semana.”

“Distância e dinheiro.”

“Moro longe das cidades com centros culturais, etc.”

“Como descobrir exposições que me interessam.”

“Eu morava em Taboão da Serra e há 5 meses moro em São Paulo. Toda minha vida, a distância e valor da passagem + entrada no museu foram os maiores impeditivos.”

“São poucas as opções em Florianópolis. Vou nas raras exposições que são divulgadas..”

“Falta de tempo”

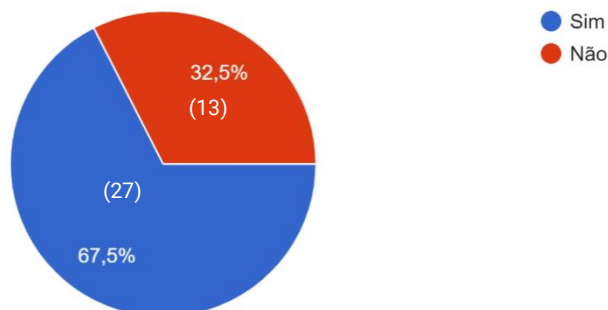
“Meus pais são chatos, sou pobre pô, vc já viu a passagem do ônibus? Uber nem se fala.”

“O horário de funcionamento durante a semana normalmente tem conflito com meu horário de trabalho, além disso, no fim de semana é mais cheio.”

“Os temas explorados se limitam muito em história da cidade de forma limitada e elitista, não tem ações educativas na maior parte das instituições, as exposições não educam e não dialogam com visitantes.”

13) Você já participou de visitas mediadas em museus ou centros culturais?

40 respostas



14) Se já participou de uma visita, relate aqui onde foi, com quem estava, qual exposição, quais as atividades foram realizadas, o que achou da experiência.

24 respostas

"Prefiro fazer as visitas sozinha, sem guias. Gosto de ler as orientações escritas e formar minha própria experiência."

"Pinacoteca, memorial da resistência, foram mediadas."

"Vou dar dois exemplos *free*, o CCBB (Brasilidade Pós modernismo) e Itaú Cultural (Lia de Itamaracá), estava com um amigo, ambos os casos teve um funcionário explicando as obras de forma cronológica. Referente a experiência foi bem rica em conhecimento, tanto no CCBB, quanto no Itaú Cultural."

"No MIS, exposição da Björk, foi uma imersão bastante interativa, foi a primeira vez que participei de algo assim e me surpreendi positivamente, me causou inúmeras sensações diferentes."

"Museu da Inconfidência, Ouro Preto. Teatro Municipal, Museu Catavento. Nesses casos a visita foi interessante pela qualidade dos guias que eram estudantes ou historiadores formados."

"Museu da Língua Portuguesa - visita guiada com meus alunos. Monitores muito experientes e com didática perfeita para lidar com as crianças."

“Foi bem satisfatória, sempre fui muito bem atendida e os tours compensaram bastante pra mim.”

“Pinacoteca. Falava sobre o colonialismo e a relação dos europeus com povos indígenas de maneira explícita, precisa e real.”

“As que mais se destacaram foram as visitas obrigatórias referentes a uma disciplina de Licenciatura referente à sociologia. A turma visitou o MASP, o Museu de Biologia do Instituto Butantã, o Museu do Futebol e a Fundação Ema Klabin. Em todos a visita foi mediada por um monitor do local e pela docente, que acrescentava detalhes históricos, sociológicos ou mesmo conteudísticos conforme achava pertinente. Os temas díspares foram uma tentativa proposital de dar aos discentes perspectivas amplas do que é cultura. As atividades foram essencialmente observar e interagir com filmes tocando algo e interagir com computadores com vídeos ou material de leitura. Quanto mais moderna a proposta, mais interatividade acontecia.”

“Participei no Museu Afro Brasileiro! Foi incrível, teve uma mediadora que foi contando sobre cada espaço, foi mostrando todo o acervo fixo do museu. No final teve uma roda de conversa e uma roda de capoeira. Também participei no MASP, também no acervo fixo!”

“No Museu de Arte do Rio. Visita a exposição sobre o samba. A mediação foi bem legal, a pessoa foi fazendo algumas perguntas e interagindo com o grupo, buscando o diálogo. Respondendo às perguntas que eram feitas. Foi uma boa experiência, depois retornei à exposição e pude entender melhor a sua proposta e ter novas experiências.”

“Já estive em diversas, talvez uma das que mais me marcou foi no MASP, na exposição da Tarsila do Amaral, foi muito rica a mediação com informações pertinentes sobre as composições da artista, e muito ali eu desconhecia. Aqui em Piracicaba quando há exposições no Sesc, as mediações costumam ser boas também, há sempre uma riqueza de detalhes sobre as obras, em algumas exposições há também oficinas desenvolvidas pelos artistas. Há um evento aqui na cidade que envolve diversos locais, chamado Rio das Artes, esse evento também

promove atividades além das exposições como oficinas e instalações diversas, participei de muitas e ministrei algumas.”

“A visita mediada no Catavento foi a mais significativa, fui muitas vezes lá mas uma em especial me cativou pelo acolhimento da educadora e pela forma que apresentava as exposições de longa duração. Uma visita noturna no CCSP também foi bem interessante.”

“Já participei de várias mediações. A princípio acredito que as ‘boas experiências’ partiram muito mais dos mediadores do que da instituição em si. Tive um caso, no teatro municipal, em que fiz duas visitas mediadas em dias diferentes com profissionais diferentes. Uma foi sensacional! Muito participativa e envolvente. A outra foi muito chata, só falávamos do que o mediador queria. Mas acredito que não devemos colocar todo peso de ‘uma mediação ruim’ nos ombros dos trabalhadores. Cabe às instituições capacitar este profissional. É um trabalho conjunto.”

“Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto em São Paulo. Fui com familiares em uma tour guiada.”

“Museu MIS, exposição Björk Digital com atividades interativas e digitais, foi uma experiência maravilhosa e inesquecível. Adorei, eu estava na presença dos meus filhos.”

“Foi em museus históricos em Petrópolis com guia que contava a história, gostei, faz mais sentido a experiência. Não recordo muito dos detalhes.”

“Sim, mas foi quando eu era pequena e através da escola. Não consigo lembrar de como foi a mediação.”

“Já participei no CCBB, Museu da Imigração, Sala São Paulo, Museu da Língua Portuguesa, Pinacoteca, Museu de Arte Sacra, MAE-USP e Museu de Microbiologia do Instituto Butantã. Algumas fiz junto com a escola, outras com equipe de trabalho (como visita ‘formativa de campo’). No CCBB foi o único espaço que realizei uma atividade educativa diferente. Através do ensino do bordado, trouxeram uma reflexão para a exposição em cartaz.”

“No Brasil, a última vez foi em Aracaju, num museu histórico da cidade. Foi uma jovem estudante estagiária no museu que guiou a visita. Infelizmente foi muito rápida e curta. Após o final, eu fiquei mais um pouco e conversei com a moça. Ela deu-me outras informações que não estavam previstas no programa dela. Em Florianópolis nunca participei. Normalmente, prefiro visitar sem um guia, para observar tudo no meu tempo.”

“Bienal de arte. Inclusive com a visitação de estudantes da escola de educação básica que atuo. Foi satisfatório”

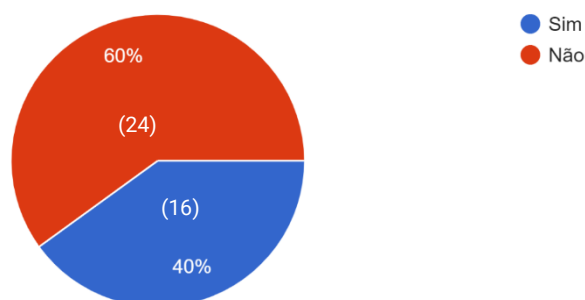
“CCBB SP ~ Exposição ComCiência - obras surrealistas e hiper-realistas que ficaram distribuídas em salas e corredores do centro cultural, a artista Piccininni retratava nas esculturas situações do cotidiano de criaturas geneticamente modificadas. Apesar de estranhas, as modificações me surpreenderam e o nível dos detalhes da obra também. Fui com a minha mãe.

MIS ~ Exposição Björk - É uma experiência completa sensorialmente, porque a forma como foi distribuída para retratar não só as composições das músicas, mas os sentimentos da artista foi muito bem pensada. O que eu mais gostei foi a interação com aparelhos digitais.”

“Museu Histórico de Santa Catarina, era sobre a Anita Garibaldi, estava com uma colega de faculdade, apesar de alguma relevância histórica, era mostrado um contexto de um olhar muito tradicional, machista e colonizado.”

### 15) Você já participou de alguma oficina em museus ou centros culturais?

40 respostas





16) Se já participou de oficinas, relate aqui como foi, onde ocorreu, o que foi produzido, o que achou da experiência.

12 respostas

“Oficina de commedia Dell'arte - Oficina Cultural Oswald de Andrade”

“Participei de inúmeras oficinas gratuitas, é sempre muito bom ter acesso a esse tipo de atividades gratuitas, gosto muito de aprender coisas novas e que às vezes fogem um pouco da minha bolha, isso ajuda a recolocar tudo certinho aí meu alcance”

“Biblioteca pública, CEUS.”

“Oficina de mediação no Centro Cultural do Banco do Brasil, no IPN- Instituto dos Pretos Novos, Museu Histórico Nacional. Todas as oficinas eram dirigidas para debate sobre mediação em museus e espaços culturais. Com apresentação de diferentes propostas educativas.”

“As oficinas, na minha opinião enriquecem ainda mais o conteúdo, além de proporcionar um momento íntimo entre o artista, a arte e o observador, ali há uma troca que não pode ocorrer por simplesmente ver a obra, quando você aguça a criação de alguém, nasce algo dali que marca. A maioria das oficinas que eu participei foram relacionadas a Design e não tanto artísticas, a experiência sempre foi agradável, e o que eu mais me interesse são os recursos e materiais que são utilizados, acho que quanto mais diverso e inusitado for, melhor é.”

“A mais significativa foi de fotografia de pinhole também no CCSP”

“Todas que participei foram boas. Sinto que não tenho tanta experiência para fazer apontamentos.”

“Oficinas no CCSP como experiências da graduação. Foram muito boas.”

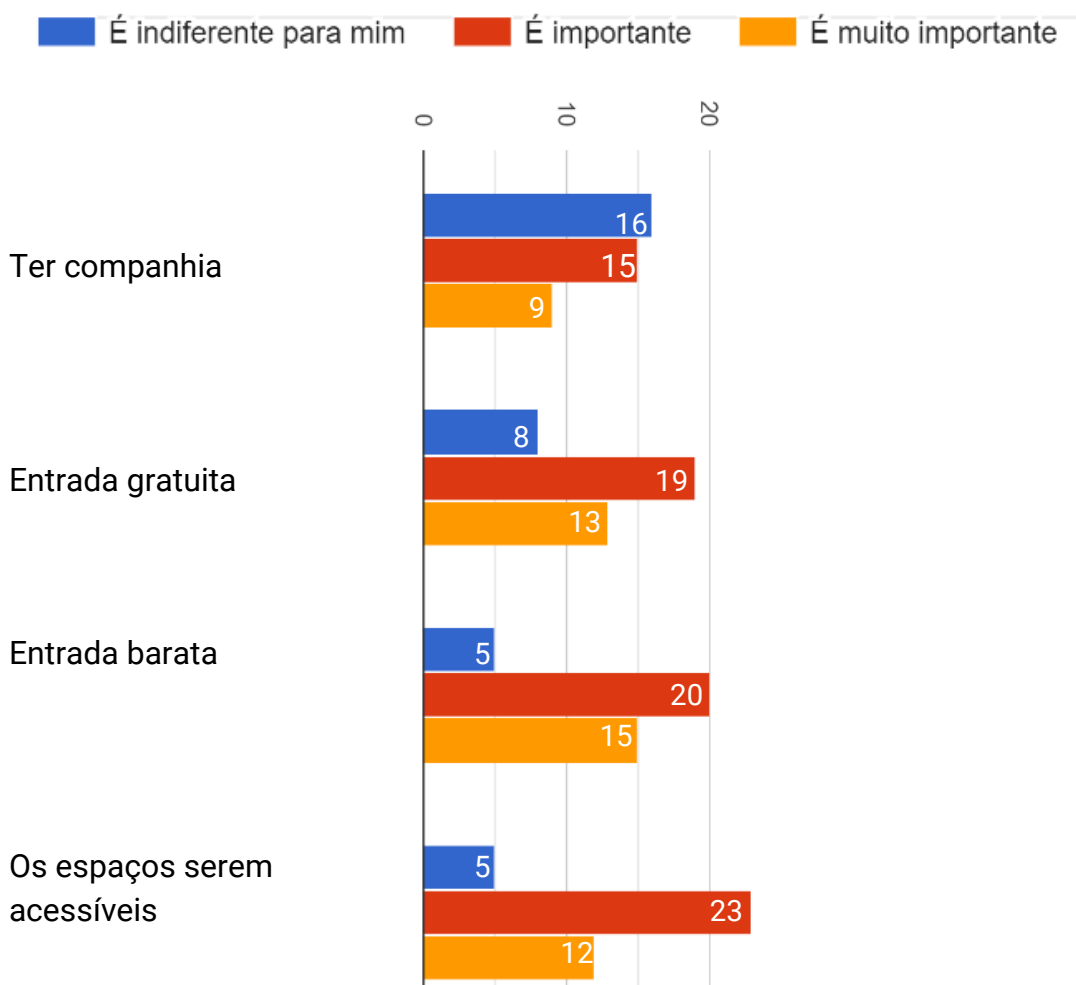
“Faz muito tempo, eu tinha 13 anos, mas lembro que gostei fiz a confecção de um boneco com materiais recicláveis.”

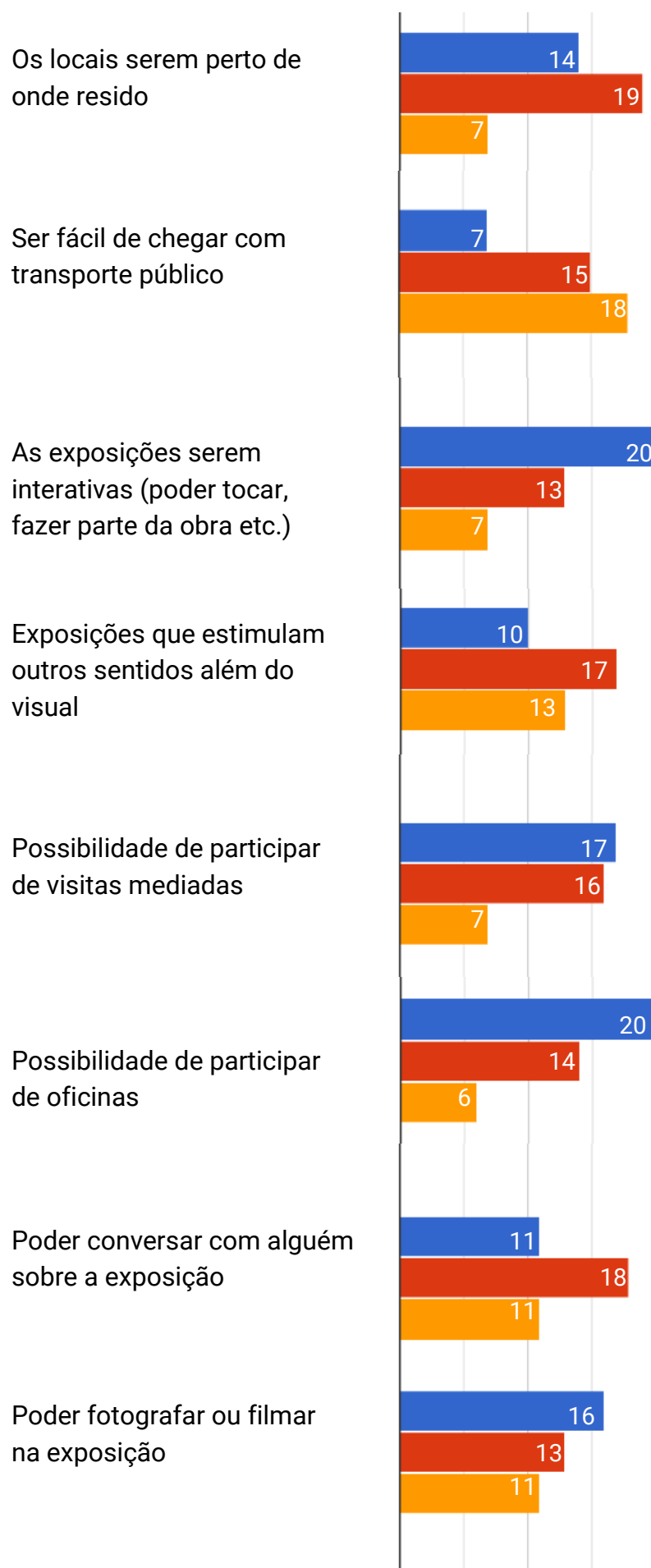
“No CCBB participei de uma atividade de bordado que trazia uma reflexão sobre a exposição em cartaz. No MAE-USP fiz uma atividade educativa que é direcionada para o público cego, foi uma experiência bem legal. Tive contato com as maquetes táteis e uma abordagem diferente sobre a exposição.”

“Descubra a Sala São Paulo. Curso de música para propagar a presença de música erudita no cotidiano.”

“Foram boas experiências, o Museu Escola oferece diversas oficinas de arte e relação com esse tema, porém somente durante a semana em horário comercial. Os cursos eram de história da arte, aquarela, desenho.”

17) Quais fatores motivam sua ida a museus, centros culturais, exposições?





18) Quais outros fatores motivam sua visita a museus, centros culturais e exposições?

20 respostas

“O tema da exposição.”

“Gosto pessoal.”

“A temática em si.”

“Particularmente tenho um gosto por criação (seja ela digital ou não) e consumir arte de outras fontes que foge da minha zona de conforto influencia muito na minha criatividade.”

“Exposições itinerantes que trazem obras que geralmente não podem ser vistas aqui.”

“Tema e artista.”

“A experiência conta muito, mas os artistas e temas me chamam atenção de diferentes aspectos, é mais uma questão do que eu curto ou não.”

“Os artistas e obras em exposição.”

“Ser algo que abarque diretamente um interesse pessoal meu, apresentando não só capital cultural, mas também algum valor afetivo.”

“Novidades.”

“Férias! Busco ir a diversas exposições em épocas de férias, julho e janeiro principalmente, para agregar conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula principalmente, mas também por gosto e lazer.”

“Gosto de espaços públicos como local de convivência e troca de saberes, além do fascínio pelas artes visuais e cênicas.”

“Não sou profissional da museologia, mas simpatizo muito com a área.”

“Conhecer mais da história local. Principalmente em viagens.”

“O que mais me motiva quando decido ir em alguma exposição é o meu interesse a partir do que me informo sobre a exposição.”

“Interesse nos temas de uma exposição, ampliar meus conhecimentos, ampliar minhas percepções sobre: Artes, fatos históricos, locais, pessoas, visões de mundo, etc.”

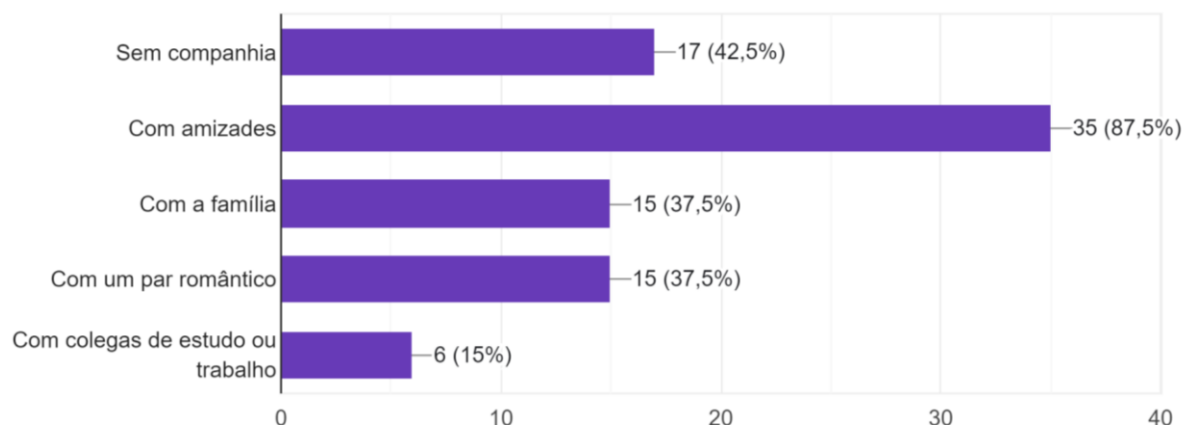
“Meu interesse de pesquisa estudo no momento é valorização da cultura mundial.”

“Se eu for contratada pra trabalhar lá.”

“É um local de agregar, oferecer formas de entretenimento, aprendizado, reflexão, algo que gosto muito de explorar.”

19) Com quem você costuma visitar museus, centros culturais, galerias, exposições etc?

40 respostas

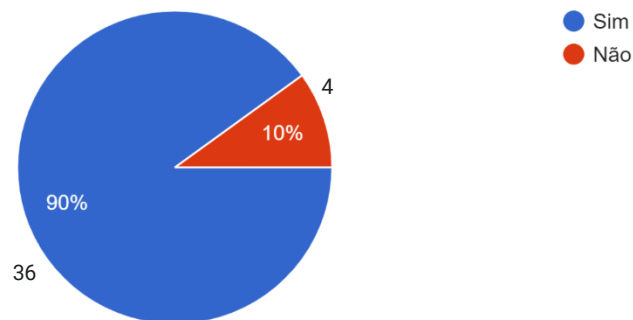


Nessa última pergunta da segunda parte do formulário, os participantes foram orientados a escolher até três alternativas, considerando as que costumam ser mais frequentes para cada um.

### Parte 3 - Sobre a relação do corpo com o espaço

20) Você já pensou ou refletiu sobre como você se sente quando visita um museu ou exposição?

40 respostas



21) Como você costuma se sentir nesses espaços?

40 respostas

"Mesmo que às vezes desconfortável, sinto que estou sendo estimulada sensorialmente."

"Sinto muita empatia estética, me envolvo profundamente com as obras."

"Envolvida na narrativa apresentada."

"Muito bem, desperta o melhor em mim."

"Encantado, entusiasmado."

"Calmo, curioso."

"Top"

"Levemente desconfortável pela questão do público que frequenta esses espaços."

"Geralmente um misto de sensações, mas citando algumas: curiosidade, ansiedade, euforia."

"Feliz e tranquila."

“Disposto a entrar em um novo universo, e me desligar ao máximo dos costumes corriqueiros.”

“Alegria, descontração, curiosidade, interesse.”

“Inspirado, curioso e relaxado”

“Abastecida de cultura e arte, com ideias para o trabalho e às vezes emocionada”

“Arte mexe muito comigo, sempre me sinto de alguma forma abastecida e tento refletir bastante sobre tudo o que acontece por lá pra digerir e construir coisas novas em mim.”

“Sinto como se estivesse adentrando outras formas de percepção da realidade que não a minha própria.”

“Me sinto confortável na maioria dos espaços, por perceber a diversidade neles, de idades, gênero, sexualidades etc.”

“Dependendo da exposição às vezes tenho que voltar mais duas ou três vezes pois quero ver mais, ver de outro jeito ou me sinto repleta de informações e preciso digeri-las antes de terminar toda a exposição. Me sinto muitas vezes emocionada ou movida por uma ideia. Nunca saio de uma exposição da mesma maneira que entrei.”

“É uma sensação que mescla calma, curiosidade, foco e autogestão. Preciso decidir entre ler a placa informativa, ver a instalação e quanto tempo ficar ali sem perturbar os demais visitantes ou exceder o tempo e acabar me enfasiando.”

“Me sinto bem, saio com bastante reflexões e ideias que levo pra minha vida pessoal e profissional!”

“Novas experiências.”

“Costumo comparar as obras com coisas do cotidiano.”

“Às vezes apagado; eventualmente um pouco pego naquela visão meio péssima de que pra estar ali eu deveria saber muito mais, uma síndrome de

impostor que esses espaços costumam causar pela forma como frequentar o museu é colocada, naquela romantização, coisa de gente culta etc.”

“Me sinto bem, não ligo para outras coisas, vou a esses espaços porque gosto.”

“Para mim é uma experiência contemplativa e meditativa. Fico focada em observar as artes expostas e minha mente fica tranquila sem aquele fluxo intenso de pensamentos que costuma ter.”

“Eu costumo me sentir curioso, querendo entender e absorver o máximo, eu adoro levar encartes e folhetos destes espaços também e depois retomo eles em casa para lembrar do que vi.”

“Dependendo do espaço público/privado me sinto identificada com o território, com as pessoas e com a programação/exposição.”

“Uma mistura de não saber nada e de descobertas.”

“Sim, eu geralmente gosto muito e sempre descubro coisas maravilhosas.”

“Feliz e emotiva.”

“Pela última vez que fui, fui sozinha, me senti bem, estava feliz em poder estar visitando as obras tão de perto, adorei a curadoria feita e todo o formato da exposição, lembro que foi um pouco extensa também, comecei a cansar por ficar muito tempo em pé e sentir frio devido ao ar condicionado.”

“Me sinto sempre bem entusiasmada e feliz.”

“Eu gosto de ter percepções sobre o que eu vejo em ambientes culturais.”

“Sempre tento mediar as emoções e senso crítico em uma exposição. Ter contato com uma obra e a narrativa de um espaço museal mexe com nossos sentimentos e bagagem de vida, por isso sempre tento manter algum afastamento e criticidade diante das obras.”

“Reflexivo.”



“Não existe um sentimento único. Depende muito do local e do que e como os objetos são expostos neste local. Já houve ocasiões de eu me sentir feliz por me lembrar fatos vividos. Já me senti ofendida, quando parecia que estava sendo vigiada por seguranças. Quando há muitas regras de comportamento a seguir, como ter que ficar em silêncio, por exemplo, sem poder comentar com alguém, é irritante! Estar num local onde me sinto convidada a ver, vivenciar o que está exposto é muito melhor! Outra coisa que detesto são lugares lotados de gente, é opressivo. Ter que enfrentar filas para ir a uma exposição e depois de ter passado tanto tempo na fila, não poder usufruir sem pressa, sem alguém lhe empurrando, é algo que me tira até a vontade de ir, por mais interessante que seja o tema.”

“Muito bem, viva e que faço parte dessa evolução humana.”

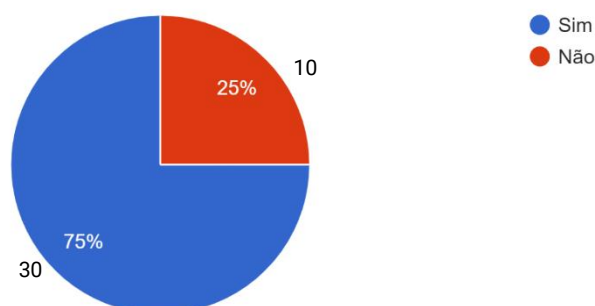
“Eu fico assim: rapaz, daora esse negócio aqui do tempo que minha avó tinha peito duro. Mas falando sério, eu acho importantíssimo conhecer o nosso passado”

“É prazeroso, um momento que eu paro para entender e observar o outro, no caso o artista através das obras.”

“Bem, segura, confortável, pertencente.”

22) Você já pensou ou refletiu sobre como você se comporta quando visita um museu ou exposição?

40 respostas



## 23) Como você descreveria o seu comportamento nesses espaços?

40 respostas

“Geralmente mais contida do que o habitual.”

“Gosto de visitar esses espaços com calma, de preferência sozinha para me ater nas obras que me interessam mais. Procuro me informar antes sobre a contextualização histórica das artistas e obras.”

“Aprecio interagir.”

“Curiosa, interessada, contemplativa, atenta.”

“Observo com atenção.”

“Vou tentando entender o que é cada parte do que está exposto, e vou explorando o ambiente.”

“Razoável.”

“Normal, o padrão de comportamento que a atmosfera daquele ambiente pede.”

“Creio que fico reclusa e bastante atenta a exposição.”

“Quieta, prestando atenção.”

“Bem reservado, acompanhando a exposição no meu tempo.”

“Calmo, reflexivo, atento a detalhes, respeitoso.”

“Respeitoso para com a obra e com o ambiente”

“Gosto de estar em silêncio, observar a obra, ler sobre as mesmas.”

“É triste, mas sinto os museus e centros culturais ainda muito segregados, para além dos artistas que expõem, as pessoas ainda são seletivas à arte e cultura, parece que a cultura chega para as pessoas e elas devem aceitar e não que todes a produzimos. Museus e centros culturais em locais elitistas dificultam e controlam a entrada de pessoas pretas, periféricos, trans e todas as outras ‘especificações’ que fogem do padrão.”

“Tendo a demorar muito em exposições, porque gosto de tentar destrinchar os sentidos de determinada obra. Gosto de tirar fotos das obras que mais me tocam, mas também gosto de não tirar fotos das que mais me tocam para tentar confiar à memória aquilo que estou experimentando. Isso porque tento evitar uma espécie de comportamento consumista em relação às obras (isto é, consumista no sentido de sempre precisar catalogar e quantificar experiências que às vezes não são quantificáveis ou replicáveis).”

“Um tanto passiva, observo, não costumo falar muito mesmo com companhia.”

“Já tive várias experiências. Às vezes me sinto irritada com excesso de público com câmeras e aparelhos celulares tirando fotos o tempo e atrapalhando o fluxo do espaço. Às vezes gosto de sentar em frente a alguma obra e contemplá-la por um período mais longo e às vezes meu olhar também pode ser frugal.”

“Eu sempre prefiro ficar próxima ao mínimo de pessoas possível, por questões disso me distrair de possíveis análises, leituras e a absorção do que está sendo contemplado.”

“Eu sou uma pessoa que observo, mas não costumo ficar muito tempo em uma obra. Gosto de andar e ir olhando de tudo um pouco!”

“Leio somente sobre as obras que eu gosto, as demais só passo o olho no texto!”

“Gosto de ver as datas e o nome dos artistas!!”

“Reflexão interna.”

“Eu gosto de me aproximar para identificar detalhes.”

“Acho engraçado o comportamento que pessoas têm de se afastar o mais rápido possível de uma peça quando outras desconhecidas chegam perto, é quase como se fosse um ambiente que devesse se abster de interação humana; até eu faço isso e acho que na verdade prejudica a experiência.”

“Me comporto de forma normal.”

“Costumo ficar em silêncio e passar com calma entre as obras. Se estou com alguém gosto de comentar sobre o que sinto em determinados momentos.”

“Eu busco uma distância para analisar o que quer que seja por mim mesmo, mas também gosto de discutir opiniões e percepções. Às vezes quando ninguém está olhando eu toco numa obra pela curiosidade do material, eu sei que é errado :( “

“Evito pessoas blasé e tento aproveitar o conteúdo do meu interesse.”

“Tenho muito respeito pelo local.”

“Tranquilo, talvez porque eu normalmente visite museus sozinha. Não converso muito com outras pessoas e não tenho pressa em ver toda a exposição. Vou no meu tempo absorvendo o máximo da experiência.”

“Me comporto bem, com curiosidade de entender mais sobre a exposição, tento me envolver com o sentimento exposto.”

“De observador somente, se caso ainda não temos uma relação prévia de afeto com o que iremos ver, acho que acaba ficando mais distante.”

“Eu tento não ficar próxima de muitas pessoas para conseguir observar as exposições com mais atenção sem que as conversas me atrapalhem.”

“Observador.”

“Fico mais silenciosa e tomo cuidado com meus movimentos, pensando em zelar pela integridade física das obras e não atrapalhar os demais visitantes.”

“Normal. Como de qualquer pessoa.”

“Normalmente eu sou a última pessoa a sair de uma sala, pois gosto de perceber os detalhes. Eu sou uma observadora bem atenta. Leio os textos explicativos. Se são obras tridimensionais, gosto de ver de todos os ângulos possíveis. Sou curiosa, gosto de tentar entender como o artista criou e porque criou. Quando é possível, gosto de fotografar, para continuar pensando em casa, ao ver as imagens.”

“Bom.”

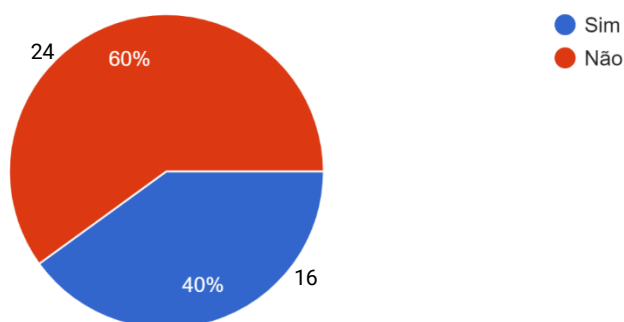
“Fico andando distante dos negócios porque se eu quebrar minha mãe me quebra junto com o povo do museu.”

“Normal e tranquilo, se tem oportunidade de interação não me oponho.”

“Gosto de observar as atrações do local e as pessoas, ver o que está sendo discutido por diferentes grupos, ver olhares diferentes do meu.”

24) Você acredita haver uma maneira correta ou uma conduta a ser seguida ao se visitar uma exposição?

40 respostas



25) Se respondeu "sim", que conduta seria essa?

15 respostas

“Respeito, silêncio e contemplação.”

“Respeitando tanto o que é exposto quanto as regras do local.”

“1. Tem obras que são bem convidativas, mas não são interativas, então é interessante atentar-se às faixas.

2. Não correr nesses locais.

3. E conversar de maneira que não atrapalhe a experiência de quem está à sua volta.”

“Respeito ao espaço do outro, cordialidade, e amparo da instituição em casos severos de má conduta.”

“Aproveitar seu passeio sem gerar desconforto ou atrito para com os demais.”

“Respeitando as regras e distanciamento das obras.”

“Sem aparelhos celulares rsrsrsrs.”

“No que tange a adultos sem questões neurodivergentes, deve-se cobrar respeito, silêncio e uma postura para ouvir mais do que falar. Algo semelhante ao que se espera de uma plateia em um teatro em uma peça dramática.”

“Respeitar o local.”

“Respeito com o ambiente e as pessoas, além das obras que são extensões dos artistas, acho que o silêncio também é de bom tom, mas não uma regra. O autocontrole para não tocar as obras é importante também.”

“Não atrapalhar a experiência alheia. Visitas guiadas podem atrapalhar um pouco, mas ainda assim são boas. Pessoas que não têm respeito por quem está ao redor ou pela exposição são as que realmente atrapalham.”

“Educação e respeito.”

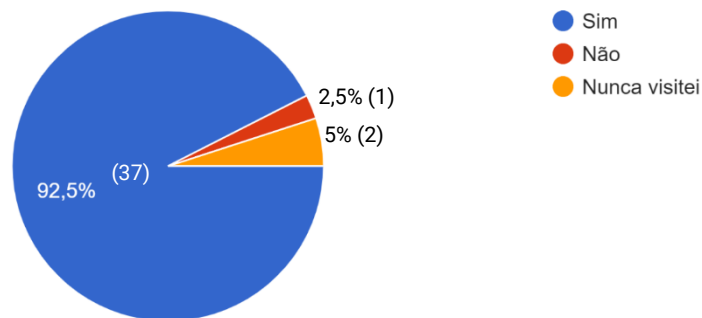
“Só respeitar.”

“Uma conduta que zele pela integridade das obras e não atrapalhe os demais visitantes.”

“Com educação no caso de não falar extremamente alto ou ficar tocando de forma irresponsável nas coisas.”

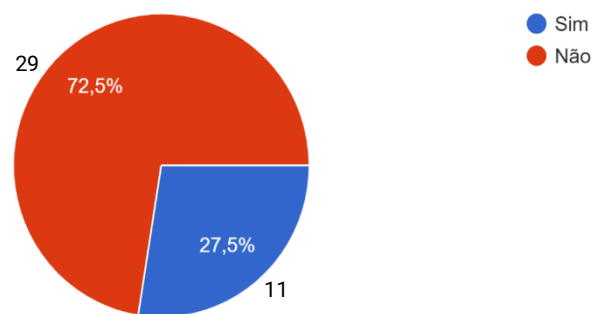
## 26) Você gosta de visitar exposições interativas?

40 respostas



## 27) Dentro de museus ou centros culturais, você já participou de processos de criação com o corpo, seja em obras que necessitam de interação, propostas de mediação ou em oficinas?

40 respostas



## 28) Em caso positivo, descreva como foi essa experiência, com o máximo de detalhes que lembrar. Escreva também o que achou dela, como se sentiu.

9 respostas

"Nas que frequentei, senti que estava criando junto com o artista e participando mais ativamente da obra."

"Muito interessante, várias sensações como euforia, animação e até mesmo um certo incômodo, mas não algo ruim, algo que me tirou da zona de conforto."

“As obras do Cildo Meirelles, sensoriais e intensas. A exposição em 3D da Laurie Anderson que me causou vertigens, náuseas e dores de cabeça, a exposição do Hélio Oiticica, divertidíssima.”

“Eu fui na exposição da Lydia Hortélio no Itaú Cultural e foi incrível! Eu amei muito e muito! Sai com o emocional renovado... Era totalmente interativa, tinha cama de gato pra passar, tinha umas brincadeiras no meio...”

“Foi bem legal, o grupo tinha que interagir com a peça do artista complementando de sua maneira. O mediador fez uma roda, perguntou sobre o que o grupo achava da peça, depois o que estávamos sentindo e pediu para cada um pensar em uma forma de interagir e complementar com seu corpo a peça. Depois que todos fizeram aconteceu um debate.”

“Participei de algumas relacionadas a teatro, mas uma que mais marcou foi relacionada a pintura corporal, para mim foi complexo me despir e aceitar a minha nudez frente as pessoas desconhecidas, mas durante o processo me senti à vontade. Aconteceu em 2019, durante o N' Design em São Luís no Maranhão, um congresso de estudantes de design e artes, a oficina era uma estudantes de artes visuais do estado do Bahia, infelizmente não me lembro o nome dela, mas foi muito marcante e a experiência me abriu pra muita coisa.”

“Um pouco estranho por fugir da lógica de visita.”

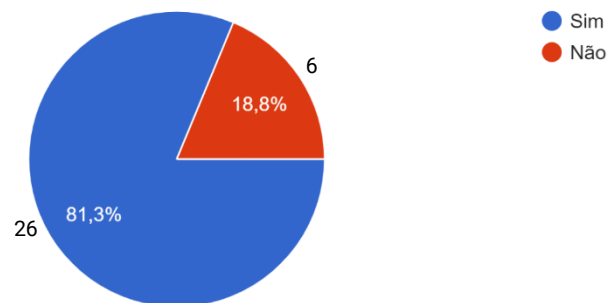
“Por ser sensorial é difícil de descrever uma vez aquilo que se sente. A experiência foi incrível e traz reflexões para a vida.”

“Divertido, marcante.”



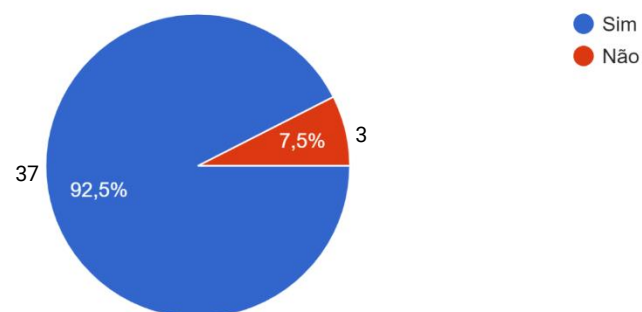
29) Em caso negativo, de nunca ter participado de processos de criação com o corpo em museus, gostaria de experienciar atividades assim?

32 respostas



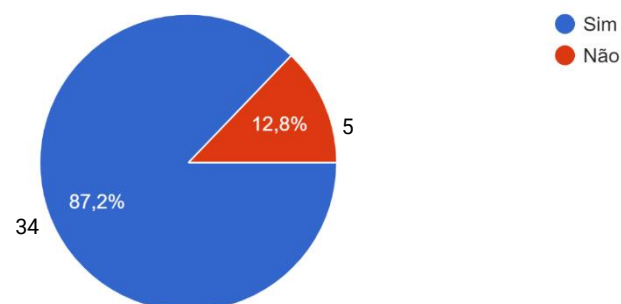
30) Você acredita que se outras formas de experienciar Arte, além da visualidade, fossem mais comuns em museus, você teria mais motivação para visitar esses espaços?

40 respostas



31) Você acredita que se museus proporcionassem experiências corporais para além das relações já estabelecidas do corpo com esses espaços, você teria mais motivação para visitá-los?

39 respostas



### 32) Que experiências corporais possíveis seriam essas?

40 respostas (Nota: a resposta para essa pergunta foi obrigatória no formulário, mas alguns participantes responderam com apenas alguns dígitos, sem formular uma resposta verdadeiramente, então esses casos foram omitidos aqui)

“Obras colaborativas que dependem da ação do público para seu funcionamento e fruição.”

“Envolvendo todos os sentidos e canais perceptíveis.”

“Sensoriais.”

“Experimentar a sentir como o artista.”

“Danças, pinturas corporais.”

“Não sei.”

“Sair da zona de conforto com sensações diferentes ao toque, ao olhar.”

“Não tenho resposta.”

“Experiências sensoriais.”

“Experiências sensoriais imersivas, simulações de alguma situação relevante ao assunto abordado no espaço.”

“Não sei se gostaria dessas experiências.”

“Jogos teatrais, dança, etc..”

“Talvez transformar o apreciador da arte na própria obra de arte, fazer com que exista alguma forma de simbiose entre apreciador e obra. Não consigo formular de outra forma, confesso.”

“Não sei dizer, mas pensei em algo ligado a jogos de cores e sons relacionado aos movimentos que forem feitos.”

“Uma leitura da obra através do corpo.”

“Eu imagino menos performance livre, porque pode inibir o participante, e mais interação com peças grandes e lúdicas, algo para subir, pular, se pendurar e similares, algo lúdico.”

“Acho que obras que você pode pegar, pode interagir com outras pessoas, pode ir descobrindo através do sensorial seria bem interessante!”

“Dança.”

“Não tenho sugestões, mas com certeza seria um diferencial para atrair o público.”

“Som, principalmente, e toque em algumas proposições (nunca desavisado).”

“Interação entre a peça e a pessoa de forma mais direta, podendo mudá-la e reinterpretar.”

“Não saberia definir. Mas só de ter outros estímulos sensoriais além do visual seria interessante.”

“Dinâmicas teatrais, pintura corporal, interação com tecnologias digitais.”

“Sensoriais.”

“Texturas, danças.”

“Experiências sensoriais são geralmente muito boas. Coisas com sons e cheiros.”

“Participar de interação com a obra, vida do artista, curiosidades.”

“De dança, gesto, toque, movimento. De uma maneira geral as visitas acabam sendo muito passivas. Sem interação fica uma experiência fria, às vezes vazia, como ver um catálogo de galeria de arte "chique" do sofá da sua casa.”

“Acredito que exposições que são participativas.”

“Experiências de dança.”

“Acho que tudo vem sendo explorado até então, meu conhecimento é limitado pois não visito muitos museus etc.”

“Performances, danças, canto, improvisações musicais, desenhos, modelagens, recriar obras em diversas linguagens, conversar com autores.”

“Dança, performance.”

“Dança.”

“Cheiros, sonoro, poder tocar, mudar coisas de lugar, interagir, deixar alguma marca minha, ter algo pra levar comigo.”